

**UNIVERSIDADE DO AMAZONAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**EXPECTATIVAS E LOGROS DOS ALUNOS  
DESPERIOTIZADOS PERTENCENTES AO PETEM ENTRE  
1998 E 1999.**

**Ageu Rodrigues dos Santos Filho**

**Boa Vista, outubro de 2000**

**UNIVERSIDADE DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS**



**EXPECTATIVAS E LOGROS DOS ALUNOS  
DESPERIOTIZADOS PERTENCENTES AO PETEM ENTRE  
1998 E 1999.**

**Ageu Rodrigues dos Santos Filho**

Dissertação submetida como requisito para  
obtenção do título de **ESPECIALISTA EM  
PSICOPEDAGOGIA.**

**Orientador: Professor Dr. Carlos Guilherme Rojas Niño**

**Boa Vista, outubro de 2000**

Instituto Superior de Educação

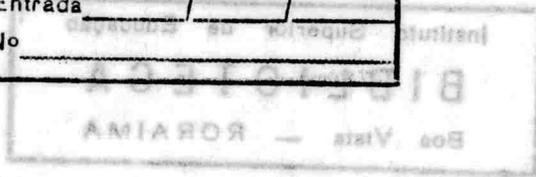
# BIBLIOTECA

Boa Vista — RORAIMA

Procedência \_\_\_\_\_

Data da Entrada \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Tombo No \_\_\_\_\_



Orientador:

Prof. Dr. Carlos Guilherme Rojas  
Niño

DEDICATÓRIA

*À minha mui amada esposa e à minha  
preciosa filha, que muitas vezes  
abdicaram de minha companhia me  
proporcionando tempo oportuno para  
meus estudos. Meu muito obrigado pelo  
amor, carinho e estímulos que sempre me  
ofereceram, dedico-lhes mais essa  
vitória.*

**AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus por dar-me mais essa  
oportunidade:*

*Agradeço ao meu orientador Dr. Rojas  
por sua ajuda sem préstimos:*

*Agradeço aos irmãos e colegas pelo  
apoio e estímulos.*

*“O capitalismo de hoje não recusa o direito à escola. O que ele recusa é mudar a função social da escola”.*(A. Lettieri).

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 08 |
| 1 A ORIGEM HISTÓRICA DO PROBLEMA SÓCIO-EDUCACIONAL.....               | 11 |
| 1.1 Desenvolvimento das Idéias Relativas ao Problema.....             | 30 |
| 1.2 Definição do Problema.....  | 33 |
| 1.2 Importância do Problema para a Educação.....                      | 36 |
| 1.3 1.4 Justificativa e Objetivos do Estudo.....                      | 37 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO.....  | 38 |
| 2.1 A Educação como Suporte de Transformação.....                     | 39 |
| 3 METODOLOGIA.....  | 44 |
| 3.1 Razões na Utilização da Metodologia Empírica e Bibliográfica..... | 46 |
| 3.2 Limites de Estudo.....  | 47 |
| 3.3 coleta de dados.....  | 48 |
| 3.4 Interpretação Dos Dados.....                                      | 48 |
| CONCLUSÃO.....  | 61 |
| RECOMENDAÇÕES.....  | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                       | 73 |
| OBRAS CONSULTADAS.....  | 75 |
| ANEXOS.....   | 76 |

## APRESENTAÇÃO

Este estudo surge do interesse em se conhecer e analisar as condições sócio-econômicas em que se encontram os alunos, *desperiotizados*, que de uma forma ou outra, estiveram à margem da Educação formal e que ao retomá-la busquem, talvez até de forma inconsciente, encontrar um processo que permita a interiorização de uma consciência crítica, necessária a todo ser humano.

*“Mas o termo educação é usado, sobretudo, para indicar um processo, um conjunto de atividades, que têm por finalidade justamente à aquisição de uma determinada qualidade de vida, que determinado grupo julga desejável”. (Lara, 1997; p.09:)*

Se considerarmos que o objetivo da educação é, antes de tudo, o de colaborar para que todo ser humano seja culto, isto é, possibilitar-lhe o apoderar-se de sua própria cultura -que é antes de tudo sua finalidade primeira, da qual é tanto produtor quanto produto - passando desta forma a ter consciência do próprio poder transformador que lhe compete ser, qual será a condição humana daquele que não a usufrui?

É evidente a todos que o cotidiano, é antes de tudo o maior campo de produção de conhecimentos da humanidade. É nele que o homem coloca todas as suas capacidades intelectuais, sentimentos, paixões e ideologias.

Tais condutas, contudo, são mecânicas e ações impensadas<sup>1</sup>. O ser humano, sem o conhecimento transformador, age tão somente de acordo com que determina o ambiente, conseqüentemente sem liberdade.

A consciência é sem sombra de dúvida, a “ponte” pela qual o homem ao transpô-la, passa atuar de forma livre, isto pelo fato de que o mesmo fora despertado a agir de forma intencional a ponto de ser capaz de mudar sua própria história. Sendo que tal aquisição ou possibilidade de agir de forma consciente perpassa intimamente pela educação.

E de uma maneira mais ampla, a educação pode ser vista como sendo o único processo de humanização<sup>2</sup>, isto é, o processo pelo qual o ser humano se realiza plenamente como humano, estabelecendo assim uma divisória intransponível entre este e os outros seres. A educação passa a ser, por esse motivo, o referencial distintivo<sup>3</sup> entre os seres humanos e os demais seres que não a cultivam.

---

<sup>1</sup> Não possui caráter científico

<sup>2</sup> Deixando de agir de forma instintiva, característica essa dos animais, e agindo conscientemente transformadora.

<sup>3</sup> Tornando-se singular ante as demais criaturas na natureza.

Possuí-la, porém, significa dizer que é conhecedor cabal de tal processo, possibilitando assim, produzir a própria cultura que por sua vez o produz, de maneiras diferenciadas, em instâncias múltiplas e em graus variados de atuação.

E sinteticamente é possível ver, então, o papel da educação como o de conscientizadora do homem e esta consciência como o único instrumento de ação política capaz de levá-lo a forma mais elevada de reflexão da realidade criada pelo desenvolvimento sócio-histórico.

Diante de tais apreciações, torna-se fundamental averiguar não somente **os logros** desses alunos causados por sua ausência no ensino formal, e muito mais importante do que isso, tentar determinar quais são *as suas expectativas de mudanças* enquanto ser atuante de sua própria história após a aquisição de tal conhecimento ou/e se este conhecimento fora o suficiente para tanto.

Este estudo, em fim, parte do pressuposto de que a escola - apesar de que ainda haja pensadores que a vejam como sendo um simples instrumento de dominação<sup>4</sup> - seja o tempo e o lugar de produção de saber, com capacidade de instrumentalizar o educando para ser agente transformador de sua própria história e do meio onde vive.

---

<sup>4</sup> Negando qualquer autonomia a educação escolar em relação à posição de classe do educando. Demonstrando que a ação pedagógica está inexoravelmente controlada pela classe dominante, sob um poder quase absoluto, de cuja violência não existe escapatória.

## 1 A ORIGEM HISTÓRICA DO PROBLEMA SÓCIO-EDUCACIONAL

Ao se analisar a escola, pode-se constatar que, enquanto categoria abstrata<sup>5</sup>, instituição em si, possui natureza imutável da qual possa-se dizer que seja boa ou má, não existe.

Ao vê-la, entretanto, enquanto espaço social no qual a educação formal, que não é toda a educação, se dá, a escola na verdade não é, está sendo historicamente constituída.

A compreensão da expressão **está sendo**, contudo, não pode ser analisada fora de uma visão mais abrangente, de algo muito maior do que ela – a própria sociedade na qual está inserida. A escola formal que é vivida na escola faz parte, portanto, de um subsistema de um sistema maior.

As relações, que ocorrem entre eles – subsistema e sistema maior – não ocorrem, portanto, de forma mecânica. Se não se pode pedir à escola, o que na verdade significa dizer, à educação formal, que se torne alavanca das

---

<sup>5</sup> Que não se efetivou concretamente, apesar de sua estrutura na forma da Lei.

transformações sociais, não se pode, por outro lado, dizer que ela seja **simplesmente** um reflexo do sistema que a engendra, apesar de que não se pode separar a **educação** da **sociedade**, no seio da qual ela se desenrola.

E esta mesma sociedade apresenta cenários que - cheios de contrastes, onde de um lado pode-se ver a riqueza mais ostentória e do outro a pobreza mais miserável - vão situando as representações, que contam sempre as mesmas histórias de abandono e de desinteresse: um bairro igual a e diferente de tantos outros, com casas e barracos precários no qual a escola é, antes de tudo, um poderoso atrativo.

Mas de quem é realmente a escola?

É, pois verdadeiramente do povo que habita tal bairro?

Os signos da distinção - muros e portões sólidos e altos - indicam que não, e que a mesma deve ser protegida contra as ações do temível povo.

Mencionamos isto porque, não se pode falar na crise da escola imaginando que a mesma possa existir desgarrado do contexto Histórico-Social, Económico, Político da sociedade concreta onde atua; como se a mesma pudesse ser decifrada sem a inteligência de como o poder, nesta ou naquela sociedade, se vem constituindo, a serviço de quem e desservindo a quem, em favor de que e contra que.

Sendo que historicamente, pode-se constatar que a educação como um produto da escola, passou a ocorrer a partir da Idade Média, onde um conjunto de pessoas, em sua maioria religiosa, especializou-se na transmissão do saber.

A atividade de ensinar deixou de ocorrer de forma aleatória, onde o ato de educar-se se resumia simplesmente em viver a vida do dia-a-dia da comunidade tais com: plantar, caçar, pescar, brincar e escutar da boca dos anciões as estórias da tradição oral, que era transmitida dos pais para os filhos, para os filhos dos seus filhos, afim de que todos mantivessem vivas as tradições, e estas lhes possibilitassem participar nas cerimônias coletivas.

Vemos então, que, dentro deste tipo de comunidade, todos os adultos, homens e mulheres, portadores do conhecimento, fruto, este de sua própria experiência e do legado de seus antepassados, atuava, e sem mesmo o saber, como **o mais brilhante educador**. Isto porque, tudo o que se transmitia ou o que se aprendia tornava o ato de aprender com algo incapaz de se separar o saber, a vida e o trabalho.

A prática educativa consistia, portanto, na aquisição de instrumentos de trabalho e **na interiorização de valores e comportamentos**, enquanto o meio ambiente em seu conjunto era um contexto permanente de formação. Prática essa que ainda pode ser verificado em outras comunidades indígenas do chamado "Terceiro Mundo". Como bem descreveu Aníbal Ponce,:

*"(...) a partir dos sete anos, as crianças já deveriam viver suas próprias experiências e passavam a acompanhar os adultos em seus trabalhos passando a assistir-lhes na medida de suas forças e recebiam igual recompensa de alimentos que os demais. A educação não estava condicionada a nada em especial, senão a vigilância e defesa do ambiente".*

*Os adultos explicavam as crianças, em ocasiões que assim exigiam, como deveriam conduzir-se em determinadas circunstâncias. Na linguagem alegre dos educadores de hoje, diríamos que as comunidades primitivas ensinavam para a vida por meio da vida: para aprender a manejar um arco, o menino caçava,; para aprender a guiar uma canoa, navegava. As crianças aprendiam participando ". (p. 38/39 s.d.)".*

Paulo Freire, complementa a verdadeira idéia referente à aprendizagem:

*"Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar". (1997)*

A educação por sua vez abdicando da aleatoriedade passa, então, a ser praticada em espaços específicos, cuidadosamente isolados do mundo como que se estivesse sob uma redoma, fechada, protegida e sem qualquer relação com a prática do dia-a-dia e, que, cujo acesso era cuidadosamente controlado<sup>6</sup>.

Constata-se, também, que durante séculos, este tipo de escola ficou reservado às elites. Servindo primeiramente a classe dos nobres, posteriormente, também, à

---

<sup>6</sup> principalmente nas escolas particulares.

burguesia<sup>7</sup> que, na medida de sua ascensão, exigia os mesmos privilégios que detinham os aristocratas. Como afirma Destutt de Tracy:

*“(...) os filhos da classe erudita, podem dedicar-se a estudar durante muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro. Necessitando de um certo tipo de conhecimento que só se pode aprender quando o espírito amadurece e atinge a determinado grau de desenvolvimento (...)”.(1802).*

O “resto” – lavradores, operários, a gente pobre – aprendia na prática do dia-a-dia. Isto porque conclui:

*“Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Estas crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento e, sobretudo, o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destina. Não podem, portanto, perder tempo nas escolas (...)”.* (ibidem).

Desta forma a Escola da Nobreza perdurou por muitos séculos até sucumbir ante o desenvolvimento do capitalismo industrial, aonde chega a transformar-se em função dos interesses da classe da Burguesia industrial.

A face do mundo transformou-se pela invenção da máquina e a utilização de novas fontes de energia.

---

<sup>7</sup> Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam a trabalho assalariado, que segundo Patto 1993, p.16, fora durante o século XVIII e nas primeiras décadas do século seguinte, a porta voz do sonho humano de um mundo igualitário, fraterno e livre; muito mais do que isso, do lugar que ocupava na nova ordem social gerou e disseminou a crença de que este sonho se concretizaria na sociedade industrial capitalista liberal. *Coisa essa que não ocorreu.* o grifo é meu.

Com a revolução tecnológica, novas classes sociais emergiram: a nascente burguesia industrial, responsável pelo progresso técnico, tomou o poder da velha aristocracia rural; uma classe formada, pela concentração em torno dos novos centros de produção, de uma mão-de-obra barata, pobre, desqualificada a do proletariado<sup>8</sup>, como afirma Luxemburgo *apud Fischer & Mello*:

*“... O capitalismo tem necessidade para sua existência e para seu desenvolvimento, de formas de produção não-capitalistas em torno de si. (...) Ele precisa de camadas sociais não capitalistas para, através delas, realizar sua mais-valia, para delas retirar meios de produção e como reservatórios de mão-de-obra para seu sistema de assalariamento. (...) a acumulação capitalista tem necessidade, para mover, de formações sociais não-capitalistas ao seu redor, uma vez que ela se desenvolve através de trocas constantes com estas formações e não pode desistir sem contatos com tal meio” (1996: 11-12).*

E, indiferente a este panorama de um mundo em mudança, a escola mantinha-se reservada às elites.

O desenvolvimento industrial, contudo, requereu um número muito maior de quadros técnicos e científicos. Esta nova exigência econômica leva a uma mudança radical nos conteúdos da escola. Ela é forçada<sup>9</sup>, por conta disso, a se

---

<sup>8</sup> Por proletariado compreende-se a classe dos trabalhadores assalariada modernos que privados de meios de produção próprios se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir.

<sup>9</sup> “Antes de tudo é preciso entender que as forças sociais que erigiram o que se chama de século XIX depararam-se com duas batalhas. Foram tempos de coroação do capitalismo, da consolidação da burguesia, mas foram tempos também de uma crítica social violenta de ensaios revolucionários, de produção filosófica constante e crítica, de denuncia da miserável exploração do homem pelo homem, de questionamentos”. Portanto, fazer a história do século XIX significa fazer a história do capitalismo e do anticapitalismo. (Costa, 1982, p. 13-14). Hobsbawn, 1979, 130-131 complementa tal idéia e diz: “Quando, entre 1865-1875, uma onda de greves e agitações da classe trabalhadora espalhou-se pelo continente Europeu, alguns governos e alguns setores da burguesia ficaram apreensivos com o crescimento do trabalhismo. As reformas sociais então desencadeadas tinham com o objetivo prevenir o surgimento deste movimento com força política independência; as atividades e

modernizar, criando-se assim um paradigma escolar entre o tipo de educação que se oferece para os filhos pertencentes à classe elitista e aquilo que se oferece como educação para os filhos povo.

As disciplinas científicas passaram, portanto, a adquirir importância crescente ao lado dos antigos conteúdos clássicos e literários que atribuíam importância central a religião, ao domínio da palavra e do saber abstrato. O conhecimento científico, portador de mudanças, era menos importante do que o espírito contemplativo e o latim, símbolos da tradição a preservar, num mundo que se considerava imune à transformação.

A burguesia dominante, por outro lado, começou a perceber a necessidade de se dar no mínimo de instrução para a massa trabalhadora que se aglomerava nos grandes centros industriais.

Para eles, os “ignorantes” deveriam socializar-se, isto é, deveriam ser educados para tornar-se bons cidadãos e trabalhadores disciplinados, obedientes e subservientes.

Pôde-se verificar, também, que paralelamente à escola dos ricos, melhor estruturada, física e pedagogicamente, possuindo em seu quadro professores mais competentes, mais experientes, com melhores condições de trabalho, além do que, bem mais remunerados, foi surgindo à escola dos pobres, que por sua vez,

---

organizações trabalhistas foram, então, reconhecidas para serem controladas, medida profilática contra o controle de classes”.

transpira em suas entranhas uma única função, a de dar aos futuros operários o mínimo de cultura necessária à sua integração por baixo na sociedade. Isto por que se encontra estruturalmente, como é hoje, por professores sobrecarregados e insatisfeitos, com a inadequação e a insuficiência do material didático – livros, cartilhas, etc – e com turmas superlotadas. Uma educação ambígua que demonstra que na realidade a desigualdade social não somente permanece, mas muito mais do que isto, ela reflete a estrutura da sociedade dividida em categorias sociais distintas.

Percebe-se, então, que a coexistência desses dois tipos de escola, origina uma situação de verdadeira segregação social.

De um lado as crianças do “povo” freqüentando uma “escola primária” que não fora criada com a finalidade de dar-lhes conhecimentos mais aprofundados e, do outro lado, vê-se as crianças da elite, seguindo um caminho à parte, com acesso garantido ao ensino de nível superior<sup>10</sup>, que tem por simples objetivo o desenvolvimento das aptidões de mando, de gerenciamento e de manejo de recursos humanos e físicos.

O acesso à educação e à cultura tornou-se, pouco a pouco, reivindicação prioritária. A classe operária industrial se bate para que todos obtivessem o direito de freqüentar uma mesma escola em condições de igualdade de oportunidades.

---

<sup>10</sup> Monopólio da burguesia.

O ensino público, gratuito e obrigatório, é visto então, com a melhor maneira de alcançar uma verdadeira democratização dos estudos.

Nele, em igualdade de condições proporcionaria ao indivíduo carente a libertação da classe opressora. Apesar de que, como já fora mencionado<sup>11</sup>, muitos neguem a ação pedagógica transformadora do educando e vêem-na em estado subserviente da classe dominante, estado sob o jugo de um poder quase absoluto, do qual não há escapatória.

Todavia, há necessidade de se ressaltar, e apesar de que esta verdade não possa ser negada, a mesma ignora a possibilidade de que o conhecimento que possa ter sido inculcado no dominado, independentemente de sua origem de classe, por ele mesmo possa ser percebido e reelaborando-o criticamente, possibilitando-o a dar uma resposta diferenciada, capaz de transformar sua própria realidade. Como bem observou Luria, A. R:

*“O homem não está restrito a simples reflexos tipo estímulo-resposta; ele consegue estabelecer conexões indiretas entre a estimulação que recebe e as respostas que emite através de vários elos de mediação”.(s.d).*

Os operários mantinham a expectativa de que a escola – transformada numa espécie de serviço público aberto a todos – se tornasse um instrumento de emancipação e de educação das classes menos favorecidas – idéia esta que perdura até nossos dias.

---

<sup>11</sup> Veja nota de rodapé nº 4

Gradualmente, pelo menos na intenção da Lei, fora abolido o sistema de escolas públicas<sup>12</sup> separadas, uma reservada aos ricos e outra destinada aos pobres.

Aparentemente, a partir de então, todos os alunos começariam seus estudos num mesmo tipo de escola e sendo apenas no término de um tronco comum que vai se dar à *seleção*, isto é, a repartição dos alunos em dois grupos: de um lado, uma minoria que vai continuar os estudos até alcançar a universidade e, de outro lado à maioria que vai seguir cursos mais curtos e menos valorizados, que conduzem às escolas técnicas, profissionais além de outras entidades como SENAI, SESI<sup>13</sup>.

Esta repartição funcionalmente é realizada por meio de critérios “exclusivamente” escolares: os alunos com as melhores notas prolongam sua escolaridade até à universidade, os demais são condenados a abandonar os estudos mais rapidamente e a ingressar no mundo do trabalho.(procurar dados)

Há necessidade de se ressaltar que só o fato de que alunos vindos de meios sociais e culturais diferentes disporem das mesmas condições para se alcançar o êxito, não implica em dizer que todos cheguem ao mesmo final.

---

<sup>12</sup> Prevalendo à vontade da Igreja Católica e dos grupos corporativistas na Lei de Diretrizes Básicas nº 4.024/61, na qual dizia que o Estado deveria se envolver financeiramente na expansão do Sistema Público de Ensino, deixando margem para a formação das Escolas Particulares.

<sup>13</sup> Estas duas últimas se baseiam na qualidade total na indústria, na busca da perfeição, ou seja, na busca da eliminação do defeito. Em relação ao processo educativo, entretanto, esse objetivo é mais difícil de ser alcançado, visto que, quando lidamos com pessoas -com diferentes valores, percepções, imaginação e emoções- é impossível pensar em perfeição ISSO 9000. A educação não é, pois, uma fábrica, ou uma empresa. Esta é sim lugar de formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Então, como se vê, a luta pela democratização da escola encontra-se ainda muito longe de ser alcançada, mesmo diante de evidências que mostram que as condições para que uma igualdade de chances aparentemente parecem terem sido preenchidas, a escola continua sendo um meio de ascensão concreto no papel e perversamente abstrata na realidade.

É bem verdade que os filhos de operários, lavradores e assalariados de baixa renda vêm tendo maior acesso à escola<sup>14</sup>. Todavia, suas reais possibilidades de êxito permanecem muitas menores do que as dos filhos de outras categorias sociais. com isso friso que **a desigualdade social permanece.**

O fracasso escolar está fortemente associado ao aspecto sócio-econômico, quando o mesmo é decorrente dos fatores intra-escolares, tais como:

❖ **Currículos e Programas;** caracterizam-se por serem incompatíveis com a realidade dos alunos. Quando a criança chega à escola, ela já trás consigo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem a cultura de sua família e de seu meio social, no qual, construindo por meio da assimilação de atitudes e valores, desenvolve sua inteligência, sua personalidade e sua afetividade.

---

<sup>14</sup> Para os pensadores da Teoria Crítica, a cultura dita de “massa” é a negação de uma cultura democrática, pois, em uma democracia não há “massa”. Nela, o aglutinado amorfo de seres humanos sem rosto e sem vontade é algo que se tende a desaparecer para dar lugar a sujeitos sociais e políticos. (Revista da Associação Psiquiátrica da Bahia, vl. 2, nº 1, 1978).

Ora, a “cultura” da escola, reflete simplesmente a cultura na qual está inserida. E estas na sua grande maioria estão implantadas em bairros onde vivem as classes privilegiadas. As crianças, portanto, pertencentes às mesmas classes estão, evidentemente, mais habituadas, desde a sua mais tenra infância, à linguagem que a escola exige. Textos escritos, livros e jornais, fazem parte de seu universo familiar e são percebidos como fonte de prazer e de informação.

Essas crianças sentem-se, desta forma, naturalmente à vontade<sup>15</sup> na escola: mesma linguagem, mesma presença de livros, mesma cultura. Elas terão menos que outros o sentimento de que a escola é um mundo desligado arbitrariamente da realidade. Desta maneira, suportarão melhores as obrigações escolares, entrarão mais facilmente no jogo da expressão verbal e do raciocínio abstrato e conseqüentemente no mundo acadêmico.

Ante o novo e estranho universo, as crianças dos meios populares sentem grande estranheza diante da linguagem, normas e valores da escola, que são totalmente diferentes daqueles que estão habituadas.

Elas se sentirão ainda mais inferiorizadas pelo fato de não poderem levar para a escola sua maneira de falar e sua experiência na família, no seu bairro menos favorecido no sentido de se permitir o fluxo de informações e de conhecimentos.

---

<sup>15</sup> As primeiras, claramente levando vantagem sobre àquelas que não tiveram as mesmas experiências, foram estimuladas cognitivamente nos anos que antecederam seu ingresso nos estabelecimentos de ensino.

Elas se sentirão perdidas diante da falta de sentido e utilidade imediata dos exercícios escolares<sup>16</sup>, confusas pelo lado artificial das situações vividas na sala de aula.

Este mal-estar experimentado pelas crianças dos meios menos favorecidos pode desembocar numa atitude de recusa da escola, que se traduz em erros constantes, numa mudez dentro da sala de aula, em suma, na instalação progressiva do aluno numa situação de fracasso. E esta estranheza, por parte destas crianças, pela velocidade da mudança cognitiva é perfeitamente descrita por Luria:

*“Intimamente associadas à nossa assimilação de novas esferas de experiências sociais, mudanças dramáticas ocorrem na natureza da atividade cognitiva e na estrutura dos pensamentos mentais. As formas básicas da atividade cognitiva começam a ultrapassar a fixação e a reprodução da atividade prática individual e deixam de ser puramente concretas e circunstanciais. A atividade cognitiva humana tornar-se uma parte do sistema mais amplo da experiência humana em geral tal como foi estabelecida no processo histórico da sociedade, codificada na linguagem”.*  
(1997).

❖ A Interação Professor/Aluno; é a maneira pela qual o professor se situa e situa o aluno diante do saber, oportunizando-o na função, não de descobrir os conhecimentos, mas de produtor de conhecimento, que se torna fator fundamental em sala de aula.

---

<sup>16</sup> Muitas delas sem poder contar com a ajuda de seus pais. Isto pelo fato de que muitos deles, ainda que, não possuíssem tempo também eram analfabetos.

Ainda que se saiba que não fora, não é e não será na escola o lugar onde se adquirirá a parte mais significativa do saber, pelo fato de que a vida, além de ser muito mais rica, permanece por muito mais tempo que o período escolar de qualquer ser humano<sup>17</sup>.

Mas se a escola não é a vida, a mesma é o tempo e o lugar onde o próprio saber tem de passar pelo processo de auto-reflexão, significando dizer que o mesmo tem que si dar conta de que é verdadeiramente o saber<sup>18</sup>.

Não queremos dizer com isso que a escola tem que aumentar prontamente a quantidade do saber, longe disso, a escola enquanto instituição deve ser antes de tudo comprometida com a busca saber qualitativo, crítico, capaz de dar a quem o adquire, consciência de si mesmo e poder para si administrar e dar conta de si mesmo.

Desta forma, a ação mediadora do professor/educador entre o saber/ conhecimento e o aprendiz/educando tanto pode levá-lo a crescer como ser atuante e transformador de sua própria realidade, de torná-lo cidadão ou então, simplesmente servir de simples repassador de teorias e levá-lo a ser só mais um no meio da multidão.

---

<sup>17</sup> Veja o que já fora mencionado na página 9.

<sup>18</sup> O saber é um trabalho – por sê-lo, é uma negação que por sua própria força interna transforma algo que lhe é externo, resistente e opaco. O saber se constitui no fenômeno do trabalho para elevar a dimensão do conceito uma situação de não-saber, isto é explicável quando a experiência, que é antes de tudo obscura, pede a ação do trabalho e este a clarifica.

❖ Normas e Avaliação – as normas e as avaliações também são vistas como a causa de muitos dos problemas que as crianças têm de enfrentar. Onde a primeira é muito rigorosa quanto ao fardamento, ao horário, a conduta e, a segunda, a avaliação não procura avaliar o desenvolvimento da aprendizagem durante o ano, nem diferenciar que existem diferentes pessoas com diferentes momentos de aprendizagem. Visa apenas avaliar o conteúdo de livros, a capacidade que o aluno tem de responder corretamente aquilo que se espera e não se a aprendizagem tornar-se-á aplicável no dia-a-dia, mas apenas mais um dado estatístico.

Vê-se, então, que a democracia não ocorre dentro da escola, e que para que venha a ocorrer, esta deve rever os seus procedimentos.

O trabalho de democratizar a escola perpassará da premissa de que somente, e tão somente, pela igualdade social e econômica haverá a garantia da diminuição dessas diferenças, proporcionando verdadeiramente, condições iguais para que todos possam obter os melhores benefícios educacionais, não implicando, contudo, em negar à educação qualquer autonomia diante das condições infra-estruturais da sociedade que em última instância são seus determinantes.

Se, no entanto, a educação não passar de um simples reflexo das relações de produção e a escola servindo unicamente como reprodutora dessas relações – como muitos acreditam que assim deva ser<sup>19</sup> – ou, ainda, vê-la como a única forma de promover mudanças estruturais da sociedade, o ensino, então, não esta sendo

---

<sup>19</sup> Veja nota de rodapé nº 4.

democrático, isto porque, o ensino não está se concretiza de forma igualitária, e, para que isto venha a ocorrer de forma definitiva deverá passar muito mais pelo cunho político do que pedagógico. E isto decorrente do fato de que este é o único caminho que levará a uma distribuição das riquezas e dos benefícios que transcendem, os limites da ação escolar.

A lei assegura que a escola deve ser democrática, isto é, ela é um direito<sup>20</sup> de todos e pelo menos no papel, a Constituição Brasileira, a lei assegura que o ensino público em estabelecimentos oficiais deverá ser gratuito<sup>21</sup> e ministrado de forma igualitária<sup>22</sup>.

A grande esperança de todos passa então a ser de que escola, sendo obrigatória e gratuita, torne-se um ponto de partida igual para todos, com o mesmo percurso a ser percorrido por todos – esses 08(oito) anos de ensino básico<sup>23</sup> – ricos e pobres, gente do campo e da cidade, meninos e meninas teriam enfim, oportunidades iguais de sucesso.

O destaque escolar, diante disto, passaria a depender, exclusivamente, da inteligência, do esforço e da perseverança de cada um. Em outras palavras, o

---

<sup>20</sup> Art 205 da Constituição brasileira – A educação é um direito de todos e dever do estado e da *família*, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho. Garantida ainda pela Declaração dos Direitos Humanos e pela Declaração de Salamanca.

<sup>21</sup> Art.206.Insiso IV. Que trata da gratuidade do Ensino Público em Estabelecimentos de Ensino.

<sup>22</sup> Art 206. Insiso II – O ensino será ministrado como base no princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

<sup>23</sup> Art.208.Insiso I – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de ensino fundamental, obrigatório de gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

degrau a que cada aluno chegue na escada da escola não dependeria de privilégios ou de dinheiro de sua família, mas sim, de seus próprios talentos e méritos.

Na verdade, existe um abismo entre essas esperanças e a realidade, entre as intenções abstratas na forma da Lei e os fatos da realidade que se apresenta, entre o que a escola deveria ser e o que ela, de fato, o é, como afirma Santos:

*“À classe consolidada no poder, não interessa advogar uma igualdade essencial entre os homens; ao contrário, há de demonstrar que os homens são essencialmente diferentes” (1992: 22).*

A realidade da escola desmente suas promessas de acesso igual para todos. As estatísticas sobre os resultados escolares contradizem a esperança de que a escola possa servir de escada para que todos consigam “melhorar” de vida, seja pelo exercício da cidadania seja pela sua qualificação para o trabalho<sup>24</sup>.

Todos esperam que a escola cumpra seu papel que é de fornecer instrução, qualificação e diplomas a todos. Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucessos. Trata melhor a uns do que outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada. E diante desta dura realidade de desigualdades Gentili afirma:

---

<sup>24</sup> Engels (1986) considera o trabalho como o fundamento da vida humana, determinante da riqueza e criador sob determinado aspecto do próprio homem.

*“Não existe qualidade com dualidade social. Não existe qualidade possível quando se discrimina, quando as maiorias são submetidas à miséria e condenadas à marginalidade, quando se nega o direito à cidadania a mais de 2/3 da população (...), qualidade para poucos não é qualidade é privilégio”.(1994)*

Em contradição à Constituição que afirma que a educação é um direito e um dever de todos, a realidade concreta demonstra que as portas da escola pública, para muitos estão fechadas.

O número de alunos que vão sendo reprovados e/ou expulsos da escola, ao longo dos anos, é absurdo. Constata-se, contudo, que, essas reprovações e abandonos não atingem da mesma maneira crianças de diferentes meios sócio-culturais.

De fato, são, sobretudo as crianças provenientes das camadas populares e do meio rural que fracassam na escola e são forçadas a interromper seus estudos.

Evidentemente, essas crianças constituem a grande maioria da população de nosso país e são elas justamente, as que mais precisam da escola para “poder melhorar de vida”.

São, entretanto, os pais destas crianças que fracassam, os que fizeram mais sacrifícios para que seus filhos pudessem estudar. Foram eles que além de lutarem

e, por vezes, esperaram anos até conseguir vaga<sup>25</sup> para matricular seus filhos, passaram dificuldades para comprar cadernos e uniforme, sofreram ao ver seus filhos serem reprovados e obrigados a repetir o ano. E, no entanto, todo esse sacrifício, toda essa esperança não serviu de nada.

As suas crianças “pobres” foram, em sua imensa maioria, excluídas da escola, sem qualquer qualificação ou diploma, sem ter aprendido nada de útil para sua vida e para o trabalho. Praticamente a única lição que os anos de escola lhe ensinaram fora de que deveriam considera-se a si mesmas como inferiores às outras, às que tiveram sucesso.

As crianças saem da escola, mas, levam consigo a marca e a humilhação do fracasso: saem convencidas<sup>26</sup> de que fracassaram porque são, menos dotadas, menos inteligentes e menos capazes do que as outras.

Há, assim, poucas alternativas para os atingidos pela exclusão da escola. O destino da grande maioria é aceitar os trabalhos mais duros<sup>27</sup>, de remuneração mais baixa, com alto teor de periculosidade -tanto para sua saúde como para sua própria vida - sem nenhuma estabilidade e com maior risco de desemprego na hora da crise. Fato esse que Saviane *apud* Santos esclarece:

---

<sup>25</sup> Principalmente nas metrópoles, na nossa sociedade apenas por vagas em escolas localizadas fora do seu próprio bairro, fugindo de sua realidade, da qual diz que não faz parte.

<sup>26</sup> A explicação para a condição do desprestígio do ensino para muitos e a eficácia do ensino para poucos no discurso competente praticado pelos dominantes, é fortalecido quando convence que uma ou outra condição é resultado da competência intrínseca em todo homem.

<sup>27</sup> Veja anexo - B

*“... se os membros as camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus direitos, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação” (1992: 20-21).*

### **1.1 DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS RELATIVAS AO PROBLEMA.**

Do quadro que até aqui foi apresentado, pode-se verificar que a realidade da sociedade roraimense não “destoa” frente a essa sinfonia de resultados educacionais.

Por ser uma sociedade que até pouquíssimo tempo tinha sua economia baseada no comércio da carne, na agricultura de subsistência e na economia do contra-cheque dos funcionários públicos, sendo que esta última até os dias de hoje permanece, não favorecia uma expectativa de melhoria de vida para os seus filhos.

A educação formal nela, então, implantada, no então Território Federal de Roraima, não conseguia proporcionar-lhes um sentimento de mudança, de melhoria de vida do próprio educando.

Aparentemente apresentava-se à parte da própria história humana, na qual sempre houve lutas constantes entre as culturas populares e as culturas dominantes, como consequência das desigualdades e dos conflitos presentes na própria sociedade.

Surge então uma questão: uma educação que não proporcione o alcance de tais objetivos pode ser considerada verdadeiramente como educação? A resposta é não.

Isto porque o homem é por si só um ser inacabado, e como tal, para que venha a compreender sua realidade, detectar seus problemas, seus desafios e encontrar mecanismos para sobrepuja-los, não simplesmente como um processo de adaptação à sociedade, mas muito mais do que isso, como mecanismo de estimular a formação do homem como homem, convertendo-se em um ser crítico de si e de sua realidade. Como disse Paulo Freire:

*“A educação, isoladamente, não pode ser responsável pela mudança social, mas enquanto propicia ao povo uma reflexão sobre si mesmo, sobre o seu tempo, sobre suas impossibilidades e sobre seu próprio poder está instrumentalizando-o para uma participação na transformação da sociedade”. (s.d.).*

Se, entretanto, os seres humanos possuem, em sua própria essência, as características de automodificar-se, de adaptar-se às contínuas mudanças, sejam elas socioeconômicas ou ambientais, como forma de aceita-las ou transforma-las, algo de novo deveria acontecer no seu seio, a fim de dar, por meio da educação, a capacidade de individuação aos seus filhos que pela qual patrocinasse suas habilidades individuais, estilos de comportamento, desenvolvimento autônomo e sua própria personalidade como ser ontológico livre, com sua vocação de ser sujeito.

O que veio a ocorrer somente com o fim do Território Federal de Roraima e a instalação do Estado de Roraima em 1988<sup>28</sup>. Como afirma Pedro Pontual:

*“Não dá pra dizer que a educação cria a cidadania de quem quer que seja. Mas sem a educação é difícil construí-la. A cidadania se cria com uma presença ativa, crítica, decidida de todos nós em relação à coisa pública. Isto é difícil, mas é possível. A educação não é a chave para a transformação, contudo, torna-se indispensável. A educação sozinha não a faz, mas, sem ela também, não é feita”. (1993).*

Este momento histórico trouxe consigo uma inquietação para o seio desta sociedade.

Uma preocupação com a futura escassez de recursos públicos oriundos da União, como também, com o bem estar e a falta de empregos<sup>29</sup> para seus filhos num futuro breve e principalmente com a falta de qualificação dos mesmos frente à concorrência, de forma até inevitável, com aqueles que viriam de outros Estados e até mesmo com aqueles que viriam de outros países.

Isto porque, naquele momento, mesmo não possuindo o que hoje chamado de Ensino Médio ou qualquer outra qualificação, “facilmente” e principalmente por indicação política, ainda se poderia conseguir um emprego em órgãos públicos

---

<sup>28</sup> Com a carta magna de 1988 o Território de Roraima foi elevado a categoria de Estado

<sup>29</sup> O universo do trabalho torna-se fundamental, quando este possibilita a construção da própria identidade humana, como um momento da formulação do homem enquanto um projeto que implica na transformação do ser contraditório em uma totalidade harmoniosa e transformadora da realidade.

ligados diretamente ao Executivo Federal, coisa essa que se tornaria inviável. Uma necessidade de mudanças urgente tornava-se necessárias.

Nesta última década destaca-se um fator fundamental para a transformação desta sociedade, a implantação e a afirmação da Universidade Federal de Roraima –UFRR. A partir da qual tem-se notado uma mudança na prática educacional, no que se refere a sua valorização e/ ou na motivação<sup>30</sup>, por parte dos seus filhos e daqueles que a adotaram. Há uma busca por melhores escolas, maior participação dos pais - principalmente por aqueles que tem melhor escolaridade, uma melhor qualificação dos professores, como também, na sua maioria, escolas equipadas - se não completamente, o mínimo possível para seu funcionamento.

## **1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.**

Nossa preocupação, contudo, neste trabalho não fora de constatar a melhoria referente ao Ensino Regular no Estado de Roraima. Tão pouco de levantar dados que demonstre a diminuição da repetência, muita menos à diminuição da evasão escolar.

---

<sup>30</sup> A realidade para os filhos pertencentes à classe dos pobres não apresentava meios pelos quais pudessem suplantar a nível médio. Quando, portanto, o concluíssem não lhe restava nada além do trabalho. Não havia reais possibilidades de mudanças. Somente com a implantação da Universidade Federal de Roraima – UFRR, abriu-se um novo horizonte para os mesmos.

Preocupamo-nos com a obtenção de dados que reflitam de forma verdadeira as expectativas e logros dos alunos chamados de desperiotizados, que nada mais são do que aqueles que fracassaram, que foram excluídos do ensino regular, que foram marginalizados e jogados para o mercado de trabalho sem nenhuma qualificação e que agora por força de Lei<sup>31</sup> obtém oportunidade de retomar seus estudos por meio do PETEM- Projeto Estadual de Teleducação, aprovado pelo Parecer CCE/RR nº 10/98 de 29 de maio de 1098, para o ensino Médio no período correspondente aos anos de 1998/1999.

No caso específico desta pesquisa, preocupamo-nos com a obtenção de dados que reflitam de forma verdadeira o resultado do afastamento do ensino regular dos alunos chamados de desperiotizados que nada mais são aqueles que “fracassaram”, que foram excluídos, que foram marginalizados do / e pelo ensino regular e jogados para o mercado de trabalho sem nenhuma qualificação, tendo novamente a oportunidade, por força de Lei<sup>32</sup>, de retomar seus estudos por meio do PETEM no período correspondente aos anos de 1998-1999. Analisar-se-á, portanto:

- I. Os seus logros;
- II. As suas expectativas de mudanças sociais, econômicas e política no meio em que vivem.

---

<sup>31</sup> No Insiso I -Art.208 –Como obrigação do Estado garantir com a educação na forma de ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive ara aqueles que a ele não tiveram acesso na idade própria;

<sup>32</sup> Artigo 75 da Lei de Diretrizes e Bases nº9.394/97 que trata do Ensino Supletivo.

O item "I" , objetiva detectar , na visão dos próprios alunos, suas maiores perdas, conseqüência do seu afastamento do ensino regular.

O item "II" , pretende levantar dados que demonstrem os seus maiores anseios e expectativas de mudanças com a conclusão do ensino médio .

É importante a apreensão crítica desses fatores diante de um mundo em que as verdades acontecem de forma irreversivelmente constante e rápida, porque o homem, sem a educação, é mais facilmente levado pela propaganda ideológica, política e comercial, tornando-se abjeto de massa.

A Educação deve antes de tudo estimular a formação de formar o homem, ou seja, desenvolver uma consciência crítica que o permita transformar a sua própria realidade, fato que se faz mais urgente para a grande maioria. Pois, se esta mata o poder criador, não só do educando, como também do educador, na medida que este último se impõe, ou na melhor das hipóteses, seja apenas um doador de formulas e comunicados e recebidos passivamente pelos seus alunos.

Vê-se, então, que nem o que impõe, nem aquele que recebe criam, pelo contrario, ambos se atrofiam e a educação já não é mais educação.

### 1.3 IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA PARA A EDUCAÇÃO

Pretende-se com este estudo oportunizar uma contribuição para refletir a problemática da Educação, direcionada as camadas populares, buscando uma compreensão mais profunda das contradições presentes nas relações educativas inerentes ao processo ensino e o não aprendido dos mesmos.

Diante das dificuldades que passa a realidade Educacional Brasileira, acredita-se que a mesma assuma a característica de ser abstrata na realidade e concreta apenas no papel.

Acredita-se, também, que esta deva, antes de qualquer coisa, priorizar, sendo sua contribuição maior, o relacionamento real da comunidade em que a escola esteja inserida.

Visto que desta forma valorizará sua cultura, no sentido de obter o pleno desenvolvimento comunitário .

#### 1.4 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Justifica-se, por conseguinte, a elaboração deste estudo, pela oportunidade que o mesmo possa proporcionar na construção de uma reflexão acerca das contradições presentes entre a prática pedagógica e o que garante a atual Lei de diretrizes e bases, contribuindo na revelação dos atuais conflitos de classes e a atual situação de exploração de que muitos são vítimas.

Neste sentido, propõe-se como objetivos:

- I. Quais foram os anos críticos de abandono do Ensino Regular;
- II. Quais foram os principais fatores que contribuíram para a desistência;
- III. Quais foram, na própria visão do educando, as maiores perdas sociais e econômicas influenciadas pela falta do Ensino Médio?
- IV. Quais foram os benefícios alcançados pelos alunos concluintes no ano de 2000.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial Teórico deste estudo está composto de um conjunto de teorias e concepções que tratam da importância da Educação como instrumento utilizado não somente no repasse e assimilação de conhecimento, mas também na autoformação do ser enquanto humano, da qual pode resultar uma postura ativa no seu contexto social. Isto porque, a partir do momento o homem passa a compreender sua realidade pode vislumbrar respostas para as dificuldades encontradas no seu meio, podendo então transformá-la com o seu trabalho, originando um mundo próprio. Como afirmar Jacristam & Gomes:

*“A sobrevivência da espécie humana assenta-se na capacidade de produzir conhecimentos e instrumentos externos da adaptação e para transmitir e assimilar o conhecimento de geração em geração. Como o homem em seu devir histórico absolveu tantos instrumentos de produção e troca, como capacidade cognitiva para produzir, transmitir e receber informações no desenvolvimento de capacidades cognitivas e de soluções de problemas”. (1983)*

Mencionar que a Educação não está alheio ao contexto histórico social. Pelo contrario, demonstrar que a mesma sofre influencia da chamada globalização em todos os seus níveis, como afirma PAIVA:

*“O sistema capitalista evolui, transformando periodicamente a divisão internacional do trabalho e, por consequência, as relações entre os países emergentes e os países do G-7. Como o sistema produtivo de cada sociedade exige mudanças na pratica pedagógica em todos os seus níveis e importante analisar, rigorosamente, a globalização como processo de racionalização mundial em todos as dimensões da realidade”. (s.d)*

## **2.1 A EDUCAÇÃO COMO SUPORTE DE TRANSFORMAÇÃO**

A educação é inegavelmente uma realidade sócio-historica da própria humanidade. Não há registro de grupo humano, mesmo os mais simples e/ou primitivo, no qual não tenha se realizado o cultivo da educação, formal ou não, por conseguinte, a mesma não pode admitir o termo “sem cultura”, “sem educação”.

E é exatamente por ela que se configura o fato de sermos sujeitos sociais, cidadãos e cidadãos atuantes na história, promotores da cultura e por ela influenciados – por sua tradição, seus valores, seus desejos, seus sonhos. Todos esses adjetivos que nos tornam sujeitos são conferidos pela Linguagem, que é, quem nos permite exercer, antes de tudo, a própria humanidade.

Fato esse que pode ser fundamentado primeiramente na primeira parte da obra piagetiana, que estava comprometida fundamentalmente com a explicação de um dos processos de desenvolvimento ou estruturação do pensamento, a própria linguagem.

Na verdade não se pode cobrar muito daqueles que não possuem “nada”,<sup>33</sup> dos que não possuem educação. Isto porque para aqueles que a possuem ou que admitem possuí-la, implica sofrer uma exigência de uma postura consciente, de autoformação e que seja atuante no seu contexto.

Para Feurstein, “*a mudança é a característica mais estável dos seres humanos*” mesmo que alguns resistam às mudanças, isto porque, para essas, é mais fácil permanecer na “*zona de conforto*”, numa área em que seu nível de competência não seja desafiado.

Feurstein ainda afirma que “*os seres humanos são dotados de uma tendência a se modificar e que torna inevitável o processo de modificação*”.

Contudo sabemos que nenhuma argumentação ou palavra escrita, nem mesmo inúmeros livros expostos em uma estante ensinariam o que os homens poderiam ser, sem os lerem.

---

<sup>33</sup> Digo, dos analfabetos e daqueles que mal sabem ler ou escrever. Pois, tais, não conseguem se libertar da experiência de vida, dos conhecimentos não sistematizados.

Contudo, se concretizam quando tais coisas são respectivamente ouvidas, lidas e pesquisadas.

A aprendizagem exige coragem, determinação para explorar territórios novos e estranhos, escalar “*montanhas*” de curiosidades. Por conseguinte, faz necessária a superação do próprio medo do desconhecido e resistência às dificuldades que com certeza surgirão no percurso.

Portanto, para que possamos aprender, precisamos ser capazes de criar significado para o real tomando como ponto de partida a grande quantidade de estímulos que perpassam constantemente por nossos sentidos, como afirma Chiarotino:

*“O esquema é uma continuação primeira da ação, ou seja, da troca do organismo com o meio. Ele é engendrado pelo funcionamento feral de toda organização viva, a adaptação. O organismo com sua bagagem hereditária, em contato com o meio, perturba-se se desequilibra e, para superar esse desequilíbrio, ou seja, adaptar-se, constrói esquemas” (1984, p.34).*

A escola, por esse motivo, deve ser o lugar de destaque no que se refere à expansão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica. Ela deve estimular o aluno a perguntar, a criticar seu mundo e sua própria atuação; deve,

também, ser o lugar onde se destaca a construção do saber crítico, científico, mediados, contudo, pelas experiências pessoais, de mundo.

A educação tem como função, primordial, de levar o homem à conscientização de ser homem, característica essa que lhe é peculiar, e ao conhecimento, para que ambos sirvam de instrumento na ação transformadora.

Deve-se, todavia, rejeitar a prática pedagógica que considera o ato de educar/ ensinar como sendo uma simples transmissão de conhecimentos de cima para baixo. Ao contrário disso, deve-se buscar um processo dialógico no qual tanto o educando quanto o educador se respeitem e mutuamente se ensinam, exercendo um papel importante na libertação das classes populares, como afirma Paulo Freire:

*“(...) na condição de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber, ensinando ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (1997)*

Os atos humanos demonstram de maneira inquestionável que a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise de atos praticados – variam quando as condições de vida social mudam e quando rudimentos de conhecimentos são adquiridos. Essas mudanças na atividade mentais

humanas não se limitam a uma simples expansão de horizontes, envolve também, a criação de novas modificações para a ação e afetam radicalmente as estruturas cognitivas.

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa procura investigar a problemática dos alunos desperiotizados pertencentes ao PETEM nos anos de 1998 e 1999, e, em particular seus logros e expectativas diante da aquisição do Ensino Médio, buscando fundamentar a importância da educação formal, por meio de pesquisa bibliográfica, como instrumento de aquisição do saber sistematizado que possibilite a libertação da opressão, bem como a consequência de sua ausência no dia-a-dia.

Visto que, sem a mesma implica na impossibilidade de compreensão do processo da opressão determinada pela elite, forçando o sujeito a agir sem questionar o porquê de suas ações e aspirações, não reconhecendo que faz parte de uma "massa" que a ideologia não abre mão de ser gestora.

Este estudo, também, entende que a condição aviltante em que se encontram tais alunos desperiotizados, é fruto de um conjunto de determinações de um modelo específico do capitalismo, que não permite a atuação de educadores no planejamento de sua própria atuação, pelo contrário tal atividade é executada por

indivíduos que nunca estiveram vinculados ou comprometidos com a educação. Nunca estiveram ao lado das lutas das classes mais desprivilegiadas.

Demonstra, também, que tais condições são repercussões de todas as mudanças propostas pelo Governo Federal, na pessoa do Presidente Fernando Henrique Cardoso, que nada mais são ou que trazem em seu bojo, a subserviência do mesmo a uma formulação ideológica produzida no seio da atual crise e das contradições do sistema capitalismo mundial.

Um exemplo claro dessa afirmação é a observação profunda do investimento no ensino básico no Brasil pelos Bancos Internacionais.

Até aí não há nenhuma preocupação, tal atitude é até louvável. Todavia, a mesma surge quando o Brasil aceita-o submetendo-se, por outro lado, a determinação de que o investimento na educação superior, que sem sombra de dúvidas é a mola propulsora de qualquer país que almeje o desenvolvimento, diminua até que seja eliminado, abrindo-se assim a porta para a atuação dos mercenários ligados a Educação Particular.

Neste estudo, vê-se claramente, que não há por parte do atual Governo, se é que já houve por parte de qualquer outro, qualquer compromisso em dinamizar a qualidade da Educação Pública e Gratuita, pelo contrário, e ainda que haja investimento e a tentativa de garantir vagas a todas as crianças, o mesmo age

somente na busca de garantir os interesses particulares dos grandes grupos econômicos ao criar um modelo de trabalho sintonizado com as exigências do atual mundo globalizado.

### **3.1 RAZÕES NA UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA EMPÍRICA E BIBLIOGRÁFICA**

A coleta da informação empírica, por meio da pesquisa de campo, é caracterizada pela dimensão coletiva do processo de investigação.

Assim sendo, a presente adotou a estratégia da pesquisa-ação, utilizando-se de instrumentos como a aplicação de questionário<sup>34</sup>, levantamento de dados em repartições públicas, privadas e autarquias; entrevistas com alunos concluintes, que permitiram desta forma a identificação de suas maiores expectativas, de seus logros, bem como, as suas características: quem são estes alunos; quando abandonaram e quando retomaram o ensino formal; quais foram os principais fatores que contribuíram para sua desistência; quais as expectativas de mudanças ansiadas mediante a conclusão de Ensino Médio; quais foram os benefícios alcançados, pelos que concluíram, no ano 2000.

---

<sup>34</sup> Veja anexo A

### 3.2 LIMITES DE ESTUDO

A idéia da apreensão cabal da realidade e a explicação do mundo que nos rodeia, perpassa pela obtenção do conhecimento por meio da educação. E fundamentá-la, mas sem livros, a missão, torna-se quase impossível semelhante a quem quer construir uma casa possuindo todos os materiais, sem contudo possuir o conhecimento.

Faz necessário salientar a falta de cooperação por parte de quem esta sendo entrevistado ou de quem dissimula mentindo em suas afirmações. Como também a burocratização, que esta a serviço do discurso competente da ideologia, que tenta nos manter afastado de qualquer dado ou informação.

De qualquer maneira, o que se pretende com esta pesquisa é contribuir na análise dos problemas que contribuem sobremaneira para a exclusão que ainda que tenha diminuído continua sendo uma aberração na presente face da Educação Roraimense é porque não dizer brasileira.

### 3.3 COLETA DE DADOS

- Fora aplicado em questionário para 10(dez) salas, em diferentes escolas, do ensino noturno<sup>35</sup>;
- Foram escolhidos 100(cem) questionários, o observando apenas um critério, os que estivessem totalmente ou quase que completamente preenchidos, para representar estatisticamente de forma genérica seus colegas;
- Foram levantados dados juntos a coordenadoria do PETEM/CEAD<sup>36</sup>.
- Em entrevista com alunos<sup>37</sup> que concluíram em 1999.

### 3.4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Passaremos a analisar as respostas do questionário e das entrevistas por meio de gráficos que demonstrem percentualmente as características dos alunos desperiotizados.

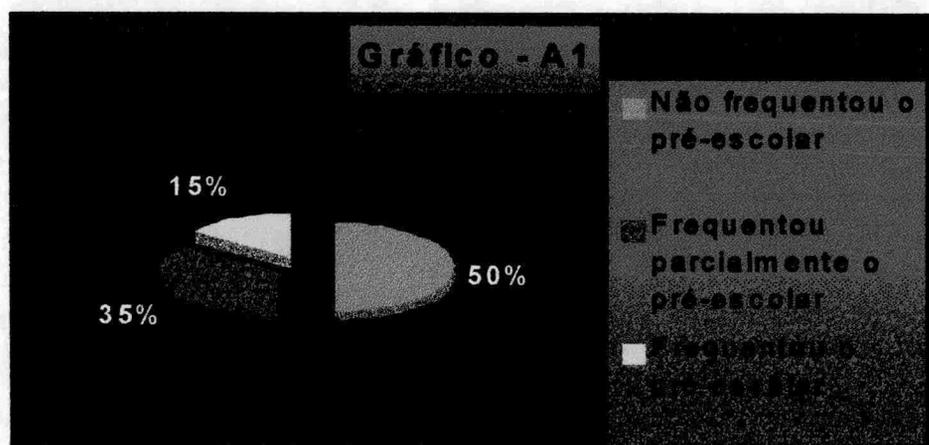
---

<sup>35</sup> O programa PETEM se encontra instalado em diversas escolas de nossa capital.

<sup>36</sup> Coordenadoria do Ensino a Distância.

<sup>37</sup> Encontrando grande dificuldade em localiza-los mediante endereço errado ou mudança.

Tentaremos, também, interpretar as informações contidas nas entrelinhas possibilitando, assim uma generalização mais próxima da verdade de todo o corpo docente pertencente ao PETEM no período correspondente a 1998/1999.

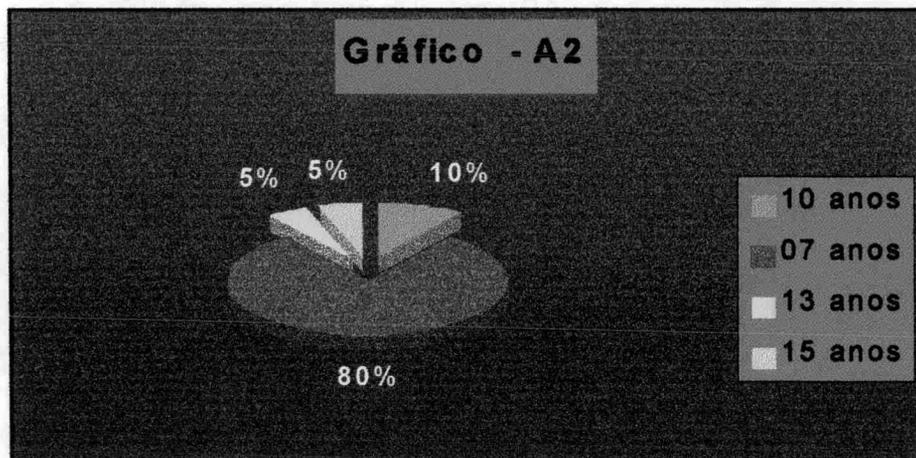


Este gráfico trás no seu bojo uma preocupação de vários professores do ensino fundamental, o despreparo de muitos alunos que são matriculados nas primeiras séries. Ainda que o Artigo 11 Insiso V da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, diga que o oferecimento da Educação Infantil - creches e pré-escolas - seja de responsabilidade dos municípios, a realidade que se apresenta, todavia, mostra um descaso, no que diz respeito, tanto para a construção, conservação como e principalmente pelo abandono das mesmas.

O que se vê na realidade são creches e pré-escolas funcionando precariamente com prédios mal estruturados, mal conservados, com pessoal, na sua maioria, desqualificado e principalmente sem material didático/pedagógico imprescindíveis na estimulação cognitiva e pré-alfabetização de sua clientela.

Quanto aos alunos desperdiçados, o mesmo demonstra que apenas 15% dos que responderam afirmaram que frequentaram todas as etapas da pré-escola.

Isto demonstra que os demais 85% já foram matriculados no Ensino Fundamental<sup>38</sup>, apresentavam-se menos preparados/ estimulados cognitivamente. Para estes a escola era uma novidade de vida<sup>39</sup>, alguns nunca tiveram a oportunidade de sequer manusear um lápis. Tal realidade esclarece o fato da dificuldade, da repetência, da reprovação e da evasão da grande maioria.

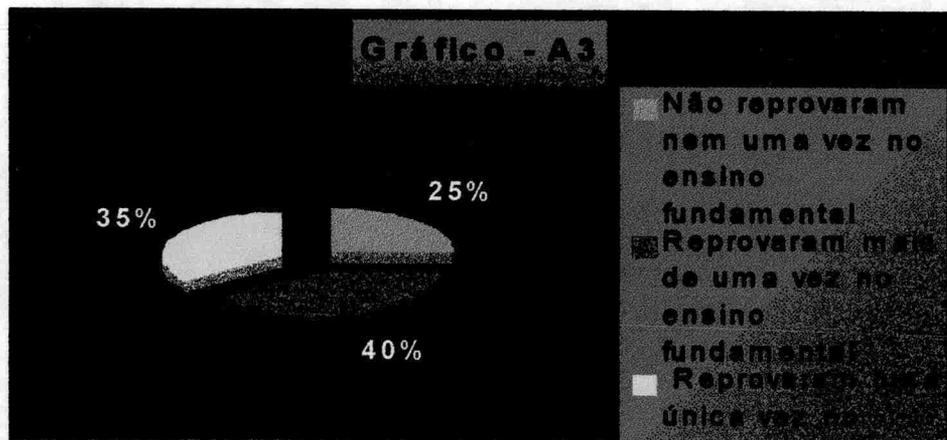


<sup>38</sup> Para a maioria tratava-se do Ensino Primário.

<sup>39</sup> Veja currículos e programas p.21, parágrafos 2 e 3.

O gráfico – A2 trata da questão cronológica desses alunos que foram matriculados no ensino fundamental. Nele pode-se observar que 20% de sua representatividade se encontrava desperdiçada. A justificativa para isso vai desde a falta de escolas na sua comunidade<sup>40</sup>, falta de saúde e até desinteresse dos pais no momento mais importante da sua carreira acadêmica.

Nossa preocupação não está relacionada com quem fora matriculado cronologicamente correto. Mas, sim, de ler nas entrelinhas que tais alunos em relação aos demais encontraram maiores dificuldades de adaptação. A escola, para os mesmos, já não fora um lugar agradável e confortavelmente seguro. Pelo contrário, foram discriminados, separados em salas chamadas de reforço e tiveram pouca atenção por parte de seus professores.

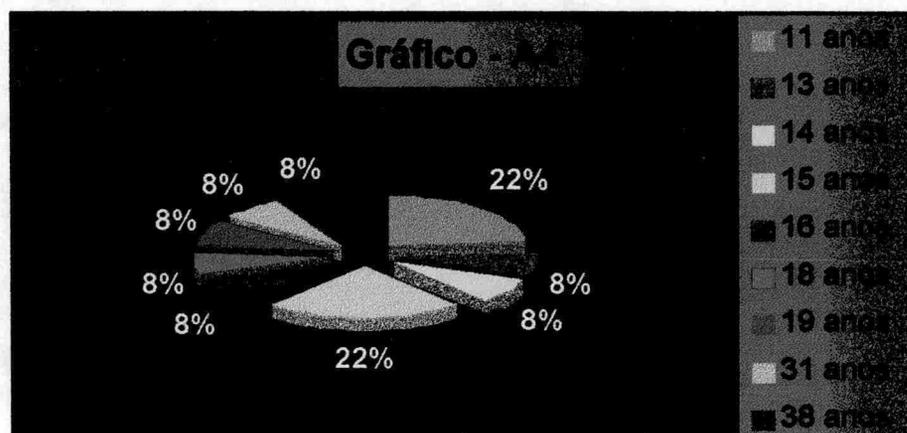


<sup>40</sup> Muitos moravam longe dos municípios, em fazendas, região próxima de garimpo.

O gráfico – A3 mostra que apenas 25% dos que foram matriculados no Ensino Fundamental, tanto os da faixa etária correspondente quanto os 20% do gráfico - A2, não reprovaram uma única vez.

O que se pode ler nas entrelinhas, dedutivelmente, é que aqueles 15% do Gráfico – A1, que freqüentaram a pré-escola, por estarem mais bem preparadas, conseguiram superar esta etapa sem maiores dificuldades. A eles foi acrescido algum dos 35% que freqüentaram a pré-escola, bem como por outros que mesmo não possuindo qualquer pré-adaptação suplantaram suas dificuldades resultando numa somatória de 10%.

Os 75% deste gráfico, por sua vez, de uma forma ou de outra tiveram dificuldades<sup>41</sup>, fato este que reforça a tese de que a escola não é um lugar que trata a todos de forma igualitária e que a mesma não era e continua não sendo lugar para todos.

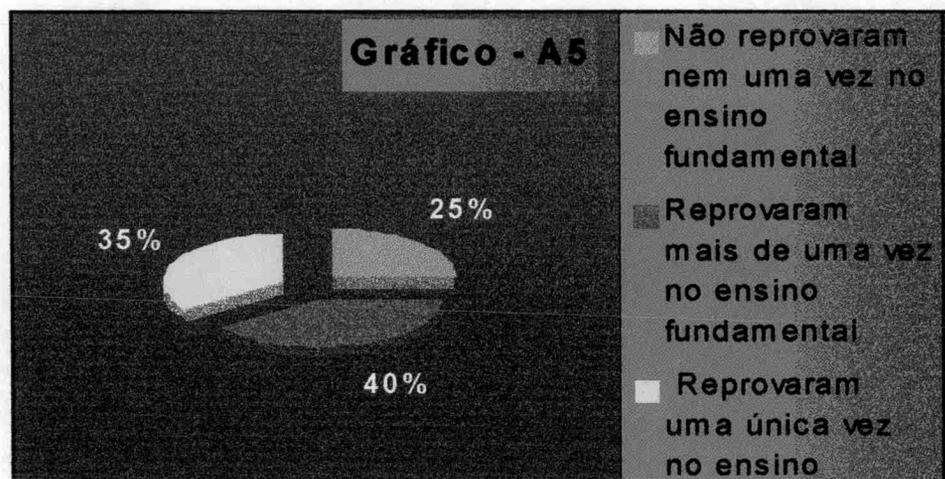


<sup>41</sup> Veja os fatores que podem contribuir para o fracasso escolar a partir da página 21.

O Gráfico – A4, por sua vez, que apenas 22% foram matriculados no período cronologicamente correto, ainda que se buscarmos os 25% que nunca reprovaram nas quatro séries iniciais, verificamos que 3% destes dessa diferença trata-se daqueles que por um motivo ou outro foram matriculados fora da faixa etária apropriada<sup>42</sup>.

Pôde-se constatar que os que se encontram na faixa etária entre 16 e 38 anos, foram matriculados no Ensino Supletivo.

Ainda que muitos autores da América Latina e do Brasil tenham se preocupado com a questão da evasão escolar e ainda que tais estatísticas demonstrem atualmente que a mesma vem diminuindo<sup>43</sup>, creio que ainda caminharemos por longo tempo até que a escola se torne do e para o povo.



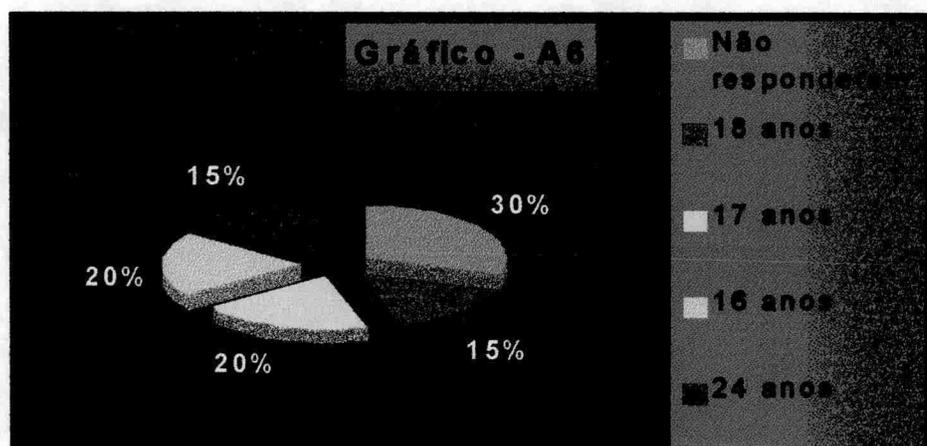
<sup>42</sup> veja o Gráfico – A4.

<sup>43</sup> Não faço consideração sobre a forma, nem muito menos sobre a qualidade.

O Gráfico – A5, trás consigo o mesmo percentual encontrado no Gráfico – A3. Tanto para os que nunca reprovaram, quantos para aqueles que sofreram sua ação.

Torna-se necessário esclarecer que não queremos demonstrar que são sempre as mesmas pessoas que são aprovadas ou deixam de ser aprovadas, sabemos que há flutuação de uns e outros, de uma para outra categoria, entretanto demonstrá-la percentualmente, na presente pesquisa se mostra impraticável.

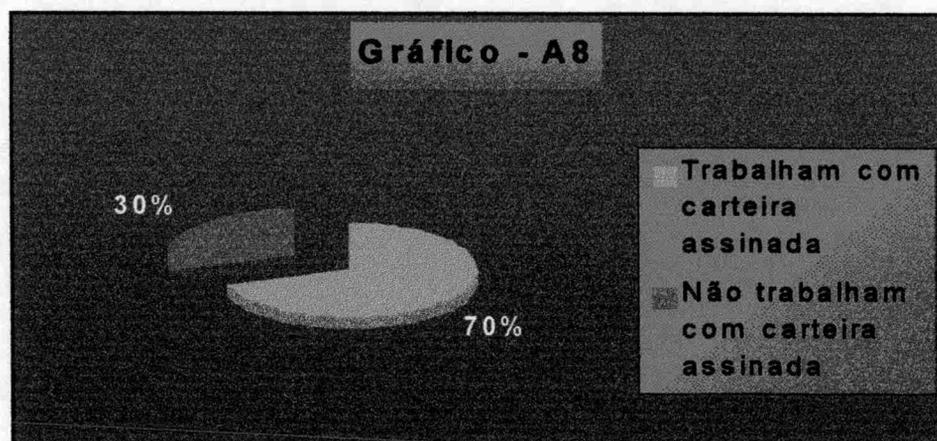
Queremos sim, demonstrar que a realidade da Educação para muitos continuou da mesma forma. Se nas séries iniciais para aqueles que não passaram por uma pré-escola fora grande, a dificuldade principalmente encontrada na 5ª série fora, agora, para todos: mais de um professor, inúmeras matérias, falta de interesse, aulas sem motivação, professores inabilitados<sup>44</sup> e/ou leigos.



<sup>44</sup> A maioria apenas com o Magistério lecionando ao nível de 2º grau.

O Gráfico – A6<sup>45</sup>, trata da idade cronológica em que tais alunos deixaram de freqüentar regularmente o Ensino Formal, não determinando, todavia se tal acontecimento ocorrera no ensino Fundamental ou no Ensino Médio<sup>46</sup>.

O mesmo demonstrar que por mais que haja garantia na forma de Lei, a realidade do ensino formal está longe de se concretizar como democrática. Pelo contrário, este gráfico abre as portas e janelas para todos que queiram ver, que o fruto da realidade educacional, que ainda se faz, jogou 70% , isto é, todos dos que responderam, para o mercado de trabalho como mão-de-obra desqualificada, ainda que 70%destes trabalhem com carteira assinada<sup>47</sup>.

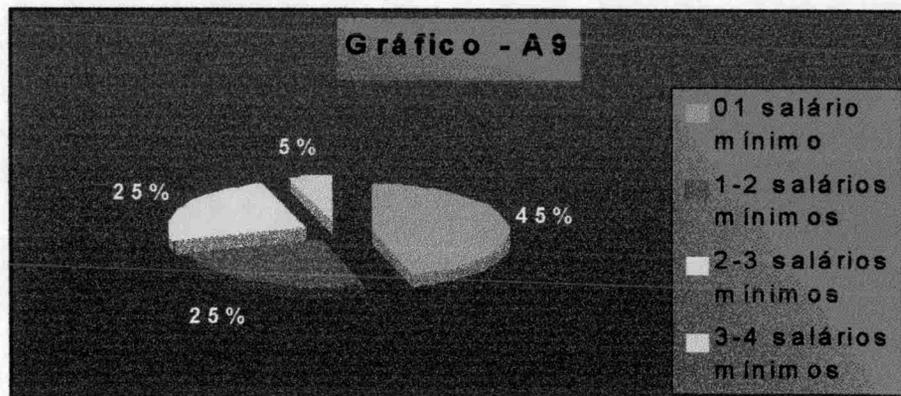


<sup>45</sup> Veja Gráfico – A7.

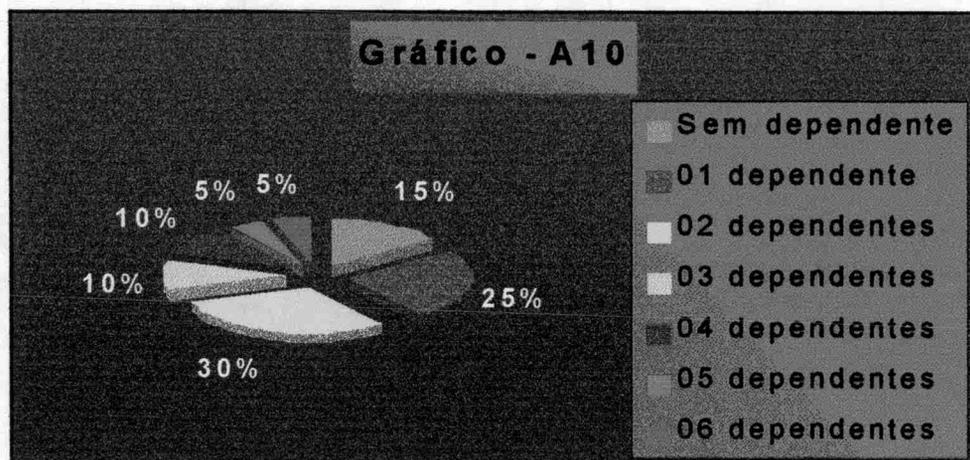
<sup>46</sup> Referimo-nos ao 2º grau.

<sup>47</sup> Veja Gráfico – A8.

95% dos mesmos se submetem a um salário<sup>48</sup> insuficiente para que tenha uma vida digna.



Com um agravante, 85% possuem dependentes<sup>49</sup>.

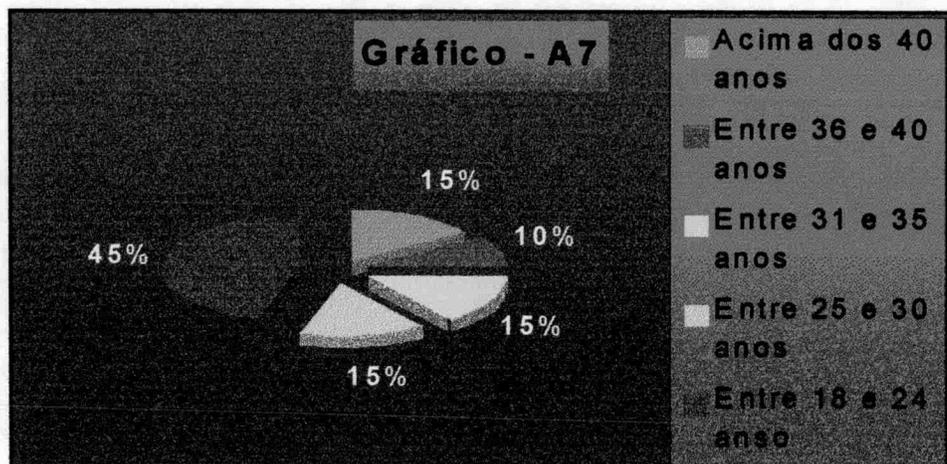


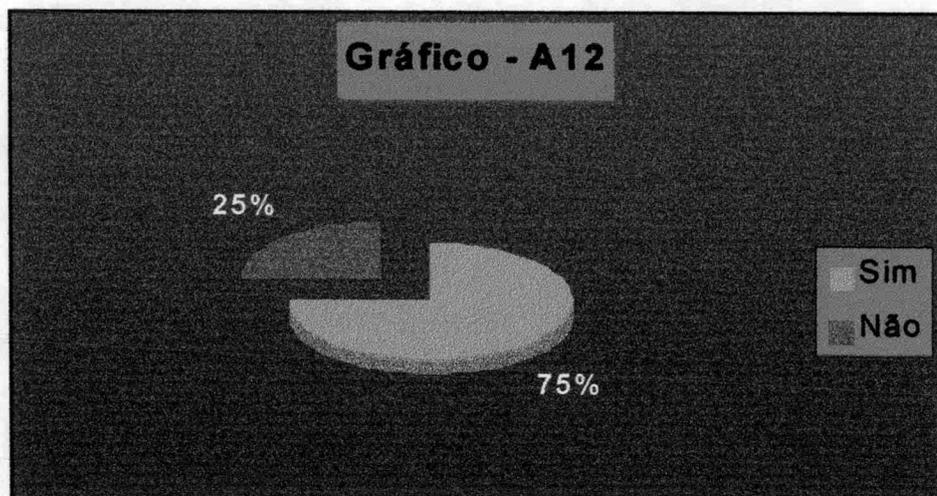
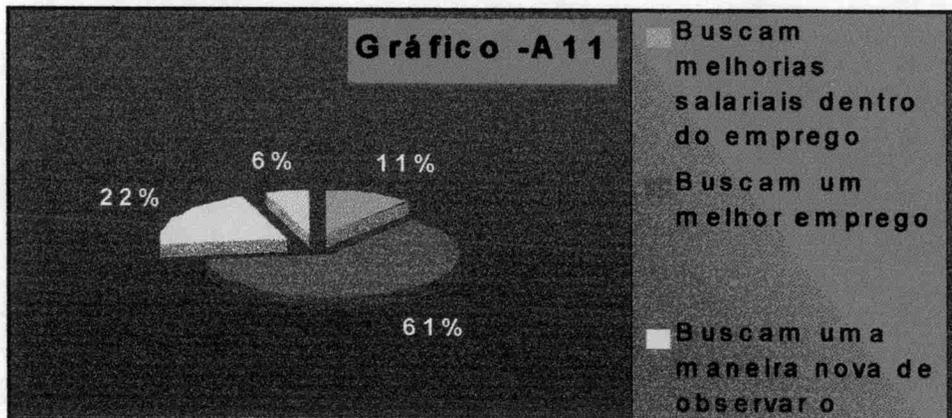
<sup>48</sup> Veja Gráfico - A9.

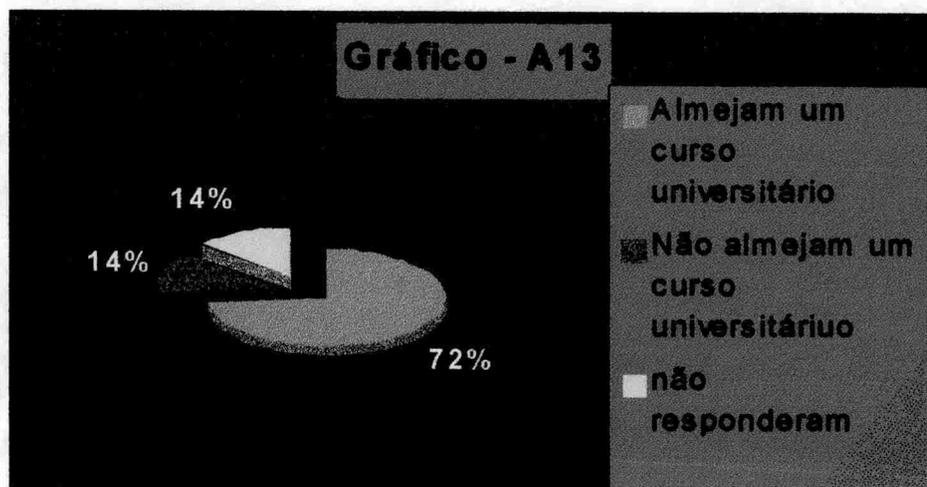
<sup>49</sup> Veja Gráfico - A10.

O que se mostra na realidade é que se torna quase impossível manter uma família estruturada, unida sofrendo privações. Eis por conseguinte um dos elos desse círculo vicioso, onde até agora tenhamos falhado, ou seja, não instrumentalizando nos semelhantes a romper suas amaras.

Veja atentamente a seguinte seqüência de gráficos:







De maneira alguma se poderia tentar explicar os Gráficos – A7; A11; A12 e A13, separadamente. Tentaremos mostrar de maneira mais clara possível suas relações, de modo que as idéias sejam colocadas de modo a serem mais facilmente entendidas.

O Gráfico – A7 apresenta percentualmente o número de 25% referindo-se àqueles que retornaram ao Ensino Formal<sup>50</sup> estando dentro do perfil etário procurado pelo mercado de trabalho<sup>51</sup>, sendo que 75% acreditam não ter conseguido um “bom” emprego, **sendo este o logro**, em decorrência de não possuírem o Ensino Médio. E que ainda assim, encontram forças para buscarem meios pelos quais possam modificar sua própria realidade, **suas expectativas**, visto que não estão ali somente pelo diploma, porém, vêem na Educação instrumento

<sup>50</sup> Garantido por Lei constitucional Artigo 205 e pela LDB 9.394 Artigo 75.

<sup>51</sup> Veja anexo B.

para sobrepujá-la<sup>52</sup>, revelando, também, seus principais anseios, e como sonho futuro 72% almeja um curso superior<sup>53</sup>.

Ao analisarmos esses treze gráficos nos deparamos com uma terrível realidade, na qual, nossos iguais, foram excluídos do chamado Ensino Regular, como fruto da desigualdade social, econômica, política e cultural, amargando rótulos de “grandes massas” estereotipadas pela classe dominante como “pobres”, “miseráveis” e “subalternos”.

Para eles a educação não fora capaz de propiciar conhecimentos que lhes permitissem realizar sua própria condição de cidadania; ou seja, não fora capaz de atender completamente seus interesses, suas necessidades, demonstrando que “a educação de qualidade” presente no seio de nossa sociedade anda na contramão daquela que é tão clamada pelas camadas mais oprimidas pelo capital.

---

<sup>52</sup> Veja Gráfico - A11.

<sup>53</sup> Veja Gráfico – A13. O que se tem notícias é que atualmente, apenas 2(dois) alunos que concluíram em 1999 freqüentam uma universidade.

## CONCLUSÃO

Há uma diferença muito grande entre o chamado pensamento pedagógico, a política educacional e as necessidades do país.

Estas aparentemente tomam direções divergentes, que resulta no uso inadequado da educação junto à realidade Nacional, servindo desta forma como instrumento de dissimulação das relações internas de dominações “escondidas” nas entranhas do pensamento pedagógicas e refletidas na prática educacionais.

Tal realidade educacional é somente mera consequência das contradições que estão presentes no modo de produção de uma sociedade que se articula de forma subserviente, guiada pelo avanço das relações de dominação, que fora permitido, antes de tudo, pela historicidade singular da formação de nossa sociedade, que permite a compatibilização de dois discursos típicos de países capitalistas avançados, o liberal e o neoliberal, com os quais se relaciona economicamente, sendo ainda uma ordem econômica “atrasada”, típica de Terceiro Mundo, e

dependente, servindo apenas como instrumento de conservação e reforço dessa situação.

A verdade é que não pode existir uma sociedade que se apresente como moderna e democrática sem que a mesma apresente um Sistema Educacional realmente moderno e democrático, o qual mostre em ações que valoriza a relação de interdependência entre a sociedade e a educação.

O Brasil, típico país do Terceiro Mundo, talvez seja historicamente o único país que pretenda “arrancar” rumo ao progresso sem que tenha compromisso com o Sistema Educacional. Dizendo de uma outra forma, sem que abra os cofres públicos e invista em educação.

A realidade é verdadeiramente dura e contrária a isso. Nosso país clama por um modelo de desenvolvimento capitalista que considere a educação um aspecto secundário. Agindo desta maneira, retira de seus ombros, de forma lenta e constante, a tarefa de educar, ao mesmo tempo em que a transfere para as empresas particulares transformando a educação num mercado lucrativo comparável a uma traficância.

Ainda que o nosso país ostente um certo grau de desenvolvimento econômico, não alcançado no social e educacional, verifica-se que foram os

trabalhadores pertencentes às classes mais pobres que suportaram, e continuam suportando, o peso desse suposto desenvolvimento sem se beneficiar dele.

E, hoje, seus filhos, os estudantes, agem de forma semelhante aos operários no início da industrialização, quando famintos, sendo mal remunerados, rebelavam-se e quebravam às máquinas.

Aos poucos, perceberam que seus verdadeiros inimigos não se encontravam imóvel ao chão, não era as máquinas, mas o modo de exploração do capital, que era representado na pessoa do patrão.

Na realidade fora um aprendizado lento. Organizaram-se contra o capital em condições materiais adversas e sob muito derramamento de sangue.

Em nossas escolas acontecem inúmeras depredações e danificações por parte dos próprios estudantes, notadamente nos bairros periféricos de nossas cidades.

Muitos deles ali se encontram não porque se sintam estimulados a aprender, mas muitas das vezes por que neste ambiente, diariamente, seja o único lugar onde poderá fazer uma refeição.

A escola para estes, e para muitos outros, se compara a um “campo de concentração”, onde eles se vêem prisioneiros, guardados por policiais à paisana. Então na sua ingênua revolta, investem contra o professor e contra a própria escola.

Vê-se que se enganaram de inimigo.

A outra personagem dessa historia triste é o professor, que é antes de tudo o ponto mais fraco dentro desse sistema de opressão capitalista.

Este que já tivera, isto por volta de 1953, status semelhante a um advogado ou a um médico. Em média dava 12(doze) aulas por semana. Tinha, por conseguinte, tempo para dar suas aulas expositivas, corrigir trabalhos, acompanhar seus alunos, etc..E já fora o tempo em que seu salário era compensador.

Na década seguinte a carga horária passou para 24 aulas. A política educacional do regime militar exigiu depois 44 aulas, fazendo-o correr de instituição para instituição, disputando aulas sem saber se no ano seguinte iria conserva-las. E o absurdo que se chegou em 1979, com os mais baixos salários da década e com professores ministrando 70 aulas por semana.

Finalmente chegamos ao ano 2000 e o que se pode averiguar é que a caricatura do professor continua a mesma. Diante de uma política neoliberal

continua sendo uma profissão instável, sacrificado e muitíssimo mal paga. O que significa dizer que se encontra entre as mais desprivilegiadas.

Mas frente a esta realidade que nos humilha deveríamos parar, nos omitir? Se assim o fizéssemos, estaríamos dando oportunidade para tantos “estão professores” e “tias” que ao retomarmos a luta teríamos perdido grande parte da batalha.

É necessário acreditar que o professor ainda detenha o papel decisivo que permita orientar os alunos a assumirem seus respectivos papéis na descoberta do conhecimento. É necessárias que haja uma constante interação entre o professor e o aluno intra e extraclasse, de modo a constituir um caminho para um saber mais elaborado, como bem frisou Paulo Freire:

*“Estudar é um fazer exigente, em cujo processo de dor, de prazer, de sensação de vitórias e derrotas, de dúvidas e de alegrias. Mas estudar, por isso mesmo, implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente. Não pode esta disciplina ser doada ou imposta a nós por ninguém sem que isso signifique desconhecer a importância do papel do estudador em sua criação”.(1993).*

É fato que as mudanças sócio-históricas dentro de uma sociedade não se limita ao simples aspecto de injetar novos conteúdos no mundo mental de qualquer ser humano, ela deve criar, sim, novas formas de funcionamento cognitivo promovendo uma conscientização madura no ser.

E finalmente, ao analisarmos a questão da aprendizagem humana, dos aspectos que conduzem ao fracasso ou ao êxito escolar, pode-se constatar que **a não aprendizagem na escola** é uma das causas que levaram os alunos desperdiçados do PETEM a abandonarem seus estudos.

Tais alunos, provenientes das camadas de baixa renda foram excluídos do ensino regular. A eles foi negada a oportunidade de crescimento cultural, do desenvolvimento cognitivo e da linguagem, **como forma de impedi-los** a uma maior imersão no meio letrado, o que por sua vez, lhes facilitaria o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Para eles o sistema de Ensino Público, apesar de ser público, refletia simplesmente a sociedade na qual a escola estava inserida. A escola representava uma realidade completamente desigual ao seu meio econômico. E nesta condição a absorção de certos conhecimentos que lhes chegavam, que lhes eram ensinados, que dependia das condições sociais, somados à baixa qualidade de ensino, determinou as condições propícias para o abandono do Ensino Regular.

Talvez a causa mais importante do insucesso desses alunos no processo educativo esteja relacionado com que os mesmos pensam de si próprios<sup>54</sup>, com sentimento de ter ou não ter competência.

---

<sup>54</sup> Levando em conta aquilo que lhes foram inculcados pela família, escola, igreja.

Nossa esperança é que ainda agora a educação proporcione a cada um deles a possibilidade de atuar de modo individual, como que em cada ação deixe sua impressão digital, que é singularmente diferente em cada indivíduo, patrocinando, assim, um desenvolvimento autônomo, individual baseado nas suas experiências passadas, em suas habilidades individuais e estilos de comportamento. Como bem frisou Paulo Freire:

*“...nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (1997)*

Ainda que muitas vezes, os mesmos não venham a tomar consciência do que esteja acontecendo, ou mesmo que tente ignorá-la, a mudança de modificação intrínseca assume caráter irreversível dialética, pelo fato de que a mesma ocorrendo de dentro para fora, favoreça a melhoria dos níveis de competência acarretando em uma nova postura, numa nova maneira de ver e interpretar o seu próprio mundo, assumindo a responsabilidade de si mesmo.

O posicionamento tomado por parte desses alunos, desperiotizados, em primeiramente reconhecer que necessitavam aprender e segundo o ato de querer recuperar o conhecimento, tornaram-se os pilares da busca de um saber mais elaborado, o que refletiu, ou que ainda refletirá, positivamente no aprimoramento da

autoconsciência<sup>55</sup> dando lugar a um processo de ajuste cognitivo, isto é, no processo de construção do conhecimento.

---

<sup>55</sup> Veja que a consciência humana, na realidade, não é mais uma das características intrínsecas do gênero humano, pelo contrário, é necessário que se entenda que existe um sistema de agentes que ao acionado, objetivamente a produz.

## RECOMENDAÇÕES

Como podemos constatar, o fracasso escolar está primeiramente associado ao aspecto sócio-econômico, visto que o mesmo é demonstrado frente aos fatores intra-escolares – currículos, programas, interação do professor com o educando, normas e avaliação – retratando que por mais que haja Leis que garantam a escola para “todos”, esta está longe de satisfazer os anseios da maior parte da população. A escola em si, hoje, concretamente não é democrática.

Tal fato, mostra que o acesso escolar não acontece de forma igualitária, ou que na realidade, a educação não passa de um simples reflexo das relações de produção do capitalismo, sendo que a escola funcione como instrumento legitimador do discurso competente propagado por parte das classes privilegiadas.

Esta realidade é por si só difícil de si modificar, diante do fato de que por mais que tenhamos a intenção, como educadores, em conceber uma educação democrática, tal ato, todavia, transcende os limites da ação pedagógica, perpassando sobretudo pelo cunho político.

E, ainda que se diga que os deputados e senadores representem o “povo”, a nação a realidade que se mostra é que a grande maioria de nossos representantes via de regra, representa um grupo, uma entidade, possui uma ideologia, longe, portanto, de buscar meios que favoreçam a mudanças da realidade daqueles pertencentes às classes menos privilegiadas.

Ainda, assim, vemos na escola, mesmo que não seja igual para todos, senão a única, uma das mais preciosas oportunidades de adquirir conhecimentos sistematizados, mesmo que inculcados, que favoreçam uma melhor compreensão da natureza e da realidade social, podendo assim reelaborá-lo criticamente em um novo conhecimento, instrumentalizando-o para ser capaz de transformar sua própria realidade.

Mesmo assim, para propiciar tal modificação, a escola deverá refletir “dentro de seus muros”, seus objetivos e formas de funcionamento diante do aumento crescente da clientela das camadas mais pobres, tais como:

- ❖ . assumir compromisso de possibilitar o sucesso da aprendizagem e com a construção da cidadania;
- ❖ . favoreça o acesso das crianças, com idade inferior aos 7 anos a creches e pré-escolas, como meio de favorecer o primeiro contato, para muitos, com a realidade acadêmica, capacitando-as a ponto de que não

possam fracassar logo no início e venha assim a evadir do ensino regular.

- ❖ possibilite a criança em usar suas experiências anteriores para construir e reconstruir a realidade com a orientação do professor;
- ❖ entenda que as crianças são deferentes umas das outras, com ritmo para crescer e aprender próprio;
- ❖ mantenha a criança por mais tempo na escola ganhando meios para melhor aprender e estudar;
- ❖ ofereça meios e tempo para o aperfeiçoamento dos professores – ler, estudar, fazer cursos, pesquisar e planejar coletivamente suas atividades;
- ❖ que a avaliação objetive a valorização do sucesso da aprendizagem, de forma contínua e não como meio de obter notas estatísticas;
- ❖ permita a integração dos pais junto aos professores e filhos, como melhor forma de evidenciar seu aprimoramento.

Enfim, que a escola crie condições para que os alunos aprendam a superar suas dificuldades, seus problemas, procurando alternativas e soluções, objetivando sempre o sucesso de todos.

Assim ocorrendo, com a cooperação efetiva de todos, o sucesso escolar passa a ser um sonho possível e o resultado disso será uma diminuição em grande proporção na estatística dos alunos multirepetentes / despericiados, diferente do número que ora se apresenta.

10.0

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRASIL Lei 9.934 de 20 de novembro de 1996. Dispõe sobre As Diretrizes e Bases da Educação.
- 2 COSTA, C. T.. *O que é o Anarquismo*. São Paulo : brasiliense, 1982.
- 3 FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia Não*. São Paulo: Olho D'água, 1993.
- 4 GADOTT, Moacir. *Uma Escola Só para Todos: caminhos da autonomia escolar / Moacir Gadott*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- 5 \_\_\_\_\_ *Educação e Poder: introdução a pedagogia do conflito/ Moacir Gadott*. 6ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados , 1985.
- 6 GENTILLI, Paulo A. A. & SILVA, Thomas T. (org). *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 7 HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,(s.d.)
- 8 HOBSEWEN, E.. *A Revolução Industrial*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

- 9 PATTO, Maria Helena Souza. *A Produção do Fracasso Escolar. história e submissão e rebeldia* / Maria Helena Souza. São Paulo: T.<sup>a</sup> Queiroz, reimpressão, 1993 – (Biblioteca de Psicologia e Psiquiatria; v.6).
- 10 SACRISTAN, J.G & GOMES, A. P.. *La Enseñanza: su teoría y práctica*. Madrid, Ekal, 1983.

## OBRAS CONSULTADAS

- 1 BEYER, Hugo Otto. O Fazer Psicopedagógico. São Paulo: Mediação, 1996.
- 2 Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais/ tradução: Edílson Alkinim da Cunha. 2ª ed. Brasília: Corde, 1997.
- 3 DEMO, Pedro, 1941 – Educar pela pesquisa/Pedro Demo – Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- 4 FURESTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico, que todo mundo pode saber inclusive você: Explicação das Normas Técnicas da ABNT. 8ª ed. Porto Alegre: [s.n.], 2000.
- 5 MAIA, Eny Marisa & GARCIA, Regina Leite. Uma Orientação Educacional Nova para uma Nova Escola. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- 6 NIDELCOFF, Maria Teresa. A Realidade e a Compreensão da Realidade. São Paulo: brasiliense, 1984.
- 7 PLANO DECENAL de educação para todos – Brasília: MEC, 1993.

# **ANEXOS**

**UNIVERSIDADE DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIAS E FUNDAMENTOS**  
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**ANEXO – A**  
**QUESTIONÁRIO**

- ❖ Leia atentamente as questões antes de responder.
- ❖ Suas respostas, na medida em que forem as mais fiéis possíveis, ajudarão de forma preciosa para a obtenção mais eficaz dos objetivos a que se propõe.
- ❖ Você não é obrigado a se identificar ou a responder a todas às questões

Referente ao seu nascimento, você:

( ) nasceu de parto prematuro.

Com quantos meses? \_\_\_\_\_

( ) nasceu de gestação normal (dentro da perspectiva dos nove meses).

Referente às doenças na infância, você contraiu alguma?

( ) sim. ( ) não.

Qual (is)?

( ) sarampo. Com que idade? \_\_\_\_\_

( ) catapora. Com que idade? \_\_\_\_\_

( ) caxumba. Com que idade? \_\_\_\_\_

( ) hepatite. Com que idade? \_\_\_\_\_

( ) pneumonia. Com que idade? \_\_\_\_\_

Alguma dessas (ou outra) doenças a fez ser hospitalizada?

( ) não. ( ) sim.

Qual? \_\_\_\_\_ . Com que idade? \_\_\_\_\_

Quanto tempo? \_\_\_\_\_

Você é portador de alguma deficiência?

- ( ) visual.  
 ( ) auditiva.  
 ( ) física. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) outras. Qual? \_\_\_\_\_

Antes de ingressar na 1ª série, você?

- ( ) Frequentou o pré-escolar.  
 ( ) apenas o maternal. ( ) o 2º período.  
 ( ) o 1º período. ( ) o 2º e o 3º períodos.  
 ( ) o 1º e o 2º períodos. ( ) o 3º período  
 ( ) Não frequentou o pré-escolar.

Com quantos anos você ingressou no primário? \_\_\_\_\_

No decorrer das primeiras 4(quatro) séries, você:

- ( ) não reprovou nenhuma vez.  
 ( ) reprovou alguma vez a;  
 ( ) 1º Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 2ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 3ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 4ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_

- ( ) desistiu alguma vez na;  
 ( ) 1º Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 2ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 3ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 4ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_

Com quantos anos você ingressou no 1º grau? \_\_\_\_\_

No decorrer das 4(quatro) séries ginasiais, você:

- ( ) não reprovou nenhuma vez.  
 ( ) reprovou alguma vez a;  
 ( ) 5º Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 6ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 7ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 8ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_

Desistiu alguma vez na;

- ( ) 5º Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 6ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 7ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 ( ) 8ª Quantas vezes? \_\_\_\_\_

Qual a matéria que você sempre sentiu dificuldade? \_\_\_\_\_

Em relação aos seus pais: \_\_\_\_\_

- ( ) são casados. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
- ( ) não são casados. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
- ( ) são divorciados. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_
- ( ) são desquitados. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

Qual o nome da última escola em que você freqüentou regularmente antes de procurar o PETEM? \_\_\_\_\_

Em relação a esta escola :

- ( ) faz parte deste Estado da confederação.
- ( ) não faz parte deste Estado da confederação.

A qual estado pertence? \_\_\_\_\_

Com quantos anos você desistiu de freqüentar regularmente esta instituição de ensino? \_\_\_\_\_

Esta escola possuía:

- ( ) biblioteca.
- ( ) laboratório de ciências.
- ( ) sala de vídeo.
- ( ) sala de leitura.
- ( ) laboratório de informática.
- ( ) livros didáticos.
- ( ) merenda regularmente.
- ( ) quadra poliesportiva.

Em relação aos seus professores:

- ( ) não eram habilitados na sua grande maioria.
- ( ) eram habilitados na sua grande maioria.
- ( ) não sabe informar.

- ( ) o quadro de professores estava constantemente completo.
- ( ) o quadro de professores estava constantemente incompleto.

( ) os professores de sua escola mantinham atividades sócias interativas com os alunos fora da sala de aula?

( ) os professores de sua escola não mantinham atividades sócias interativas com os alunos fora da sala de aula?

( ) o conteúdo passado por seus professores, para você, era motivadores com o qual você facilmente o compreendia.

( ) o conteúdo passado por seus professores, para você, não era motivadores e que dificilmente o compreendia.

( ) o problema não se encontrava no professor para motivar ou desmotivar a aprendizagem.

Em relação a sua participação histórica estudantil:

- nunca teve problema de alimentação ( nunca dependia da merenda).
- teve problema de alimentação ( dependia da merenda).
- merendava de forma aleatória, em dias alternados.
- sempre possuiu a farda correspondente à instituição escolar, nova.
- sempre possuiu a farda correspondente à instituição escolar, usada.
- dificilmente conseguia a farda correspondente à instituição escolar.
- nunca teve problemas em ser aprovado(a) nas diversas disciplinas.
- teve problemas em ser aprovado(a) em todas as disciplinas.
- teve problemas em ser aprovado(a) em uma ou outra disciplina.

Você se considerava um aluno:

- aplicado e motivado.
- desmotivado e displicente.
- nunca deu importância a obtenção de notas elevadas nas diferentes disciplinas.
- sempre deu importância a obtenção de notas elevadas nas diferentes disciplinas.
- por várias vezes apresentou problemas de doença no decorrer do ano letivo.
- nunca apresentou problemas de doença no decorrer do ano letivo.

Qual a sua idade no momento em que fez a opção pelo PE-TEM? \_\_\_\_\_

Você possuía emprego:

- sim  não.

Em que local? \_\_\_\_\_

Qual era sua renda mensal? R\$ \_\_\_\_\_

Possuía dependentes?  não  sim. Quantos? \_\_\_\_\_

Quem fica em casa com ele (es) enquanto você estuda? \_\_\_\_\_

Isto lhe trás alguma preocupação ou impedimento?

- sim De que forma? \_\_\_\_\_

não.

Quais foram às necessidades (incentivos), que a (o) levaram a procurar o PETEM? \_\_\_\_\_

Você acredita ter perdido alguma oportunidade por não possuir o 2º grau completo?

- sim  não.

Porque? \_\_\_\_\_

Quais os principais benefícios que a conclusão do seu curso trará para sua vida?

\_\_\_\_\_

Você acredita que o conhecimento científico (metodológico) modifica a forma de ver o mundo de todo aquele procura obtê-lo?

SIM.  NÃO.

Por que?

---

Como você se sente diante desta perspectiva, de se apropriar deste conhecimento que hora se apresenta como desconhecido?

---

Você se sente capaz de terminar o seu curso, alcançando por fim seu objetivo?

sim  não.

Você objetiva continuar seus estudos e ingressar em um curso acadêmico (na Universidade deste ou de outro Estado):

sim.  não.

## **ANEXO – B**

### **A INTERMEDIÇÃO DE MÃO-DE-OBRA**

É o ato de realizar o cruzamento da necessidade de preenchimento em um posto de trabalho com a de um trabalhador que procura por uma colocação no mercado de trabalho. tem como objetivo reduzir o desemprego friccional, contribuindo para que os postos de trabalho vagos não sejam extintos ou que venha a ocorrer agregação de ocupação por dificuldade de preenchimento da vaga.

As principais atividades desenvolvidas na Intermediação de Mão-de-obra, são:

- Inscritos – todos os trabalhadores que buscam o SINE/RR à procura das ações que compõem o Programa do Seguro Desemprego, cujo objetivo é identificar o trabalhador e sua verdadeira pretensão.

- Encaminhados – todos os trabalhadores que após sua inscrição, são selecionados de acordo com o perfil que o empregador exige. O SINE/RR encaminha três trabalhadores para cada vaga.
- Colocados – são os candidatos que conseguiram uma colocação no mercado de trabalho formal, ou seja, é o resultado positivo do processo de intermediação de Mão-de-Obra executado.
- Vagas Captadas – é todo posto de trabalho oferecido pelo mercado de trabalho formal ao SINE/RR.

**TABELA-B1 INTERMEDIÇÃO DE MÃO-DE-OBRA DO SETOR FORMAL DAS ATIVIDADES EXECUTADAS EM SETEMBRO/2000**

| PROGRAMA               | VARIÁVEIS      | PROGRAMADO SETEMBRO/2000 | EXECUTADO SETEMBRO/2000 | % EXECUTADO |
|------------------------|----------------|--------------------------|-------------------------|-------------|
| Área I - intermediação | Inscritos      | 500                      | 525                     | 105         |
|                        | Vagas Captadas | 130                      | 149                     | 115         |
|                        | Encaminhados   | 300                      | 346                     | 115         |
|                        | Colocados      | 43                       | 31                      | 72          |

Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro=desemprego/ DEPEM/SINE

**TABELA-B2 INTERMEDIÇÃO DE MÃO-DE-OBRA DO SETOR FORMAL E INFORMAL DAS ATIVIDADES EXECUTADAS EM SETEMBRO/2000.**

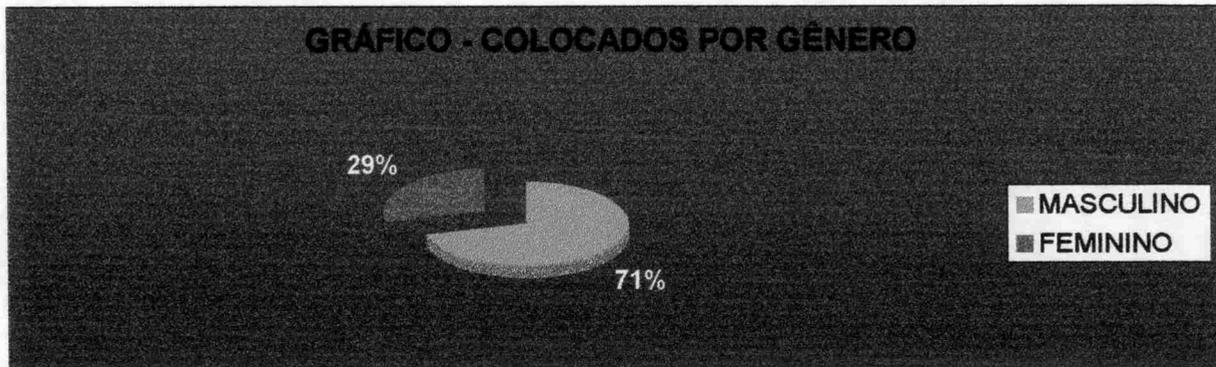
| PROGRAMA                              | VARIÁVEIS    | FORMA | INFORMAL | TOTAL |
|---------------------------------------|--------------|-------|----------|-------|
| Área I – Intermediação de mão-de-obra | Inscritos    | 535   | 48       | 573   |
|                                       | Vagas        | 149   | 104      | 253   |
|                                       | Encaminhados | 346   | 35       | 381   |
|                                       | colocados    | 31    | 21       | 52    |

Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro=desemprego/ DEPEM/SINE

**TABELA –B3 COLOCADOS POR GÊNERO**

| GÊNERO    | QUANTIDADE | %   |
|-----------|------------|-----|
| MASCULINO | 22         | 71  |
| FEMININO  | 9          | 29  |
| TOTAL     | 31         | 100 |

Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro=desemprego/ DEPEM/SINE



Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro-desemprego/ DEPEM/SINE

**TABELA-B4 GRAU DE INSTRUÇÃO DOS COLOCADOS**

| GRAU DE INSTRUÇÃO | QUANTIDADE | %    |
|-------------------|------------|------|
| ANALFABETO        | 1          | 3,2  |
| 1ºGRAU COMPLETO   | 7          | 22,6 |
| 1ºGRAU INCOMPLETO | 7          | 22,6 |
| 2ºGRAU COMPLETO   | 7          | 22,6 |
| 2ºGRAU INCOMPLETO | 9          | 29,0 |
| 3ºGRAU COMPLETO   |            |      |
| 3ºGRAU INCOMPLETO |            |      |

Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro-desemprego/ DEPEM/SINE

**TABEL-B5 COLOCADOS POR FAIXA ETÁRIA/GÊNERO**

| FAIXA ETÁRIA | MASCULINO | FEMININO | TOTAL | %    |
|--------------|-----------|----------|-------|------|
| 14-17 ANOS   |           |          |       |      |
| 18-29 ANOS   | 17        | 7        | 24    | 77,4 |
| 30-39 ANOS   | 4         | 2        | 6     | 19,4 |
| 40-49 ANOS   | 1         |          | 1     | 3,2  |
| TOTAL        | 22        | 9        | 31    | 100  |

Fonte: Divisão de Intermediação de mão-de-obra e Seguro-desemprego/ DEPEM/SINE

Observação: estas informações foram coletadas junto à secretaria do trabalho e bem-estar social, através do departamento de emprego-SINE/RR com ações voltadas para geração de trabalho, renda e emprego em Roraima.